

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/285978910>

José Proenza Brochado: Vida acadêmica e a arqueologia Tupi

Article · January 2008

CITATIONS

7

READS

984

1 author:



Francisco Silva Noelli

University of Lisbon

144 PUBLICATIONS 940 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



“Arqueología de ambientes acuáticos del Centro-este argentino” (UNLP-Código 11/N770) [View project](#)



Archaeology of Colonialism and Persistence: A Comparative Approach of Native practices between São Paulo (Brazil) and New England (United States) - (postdoctoral research) [View project](#)

José Proenza Brochado: vida acadêmica e idéias sobre o passado dos povos Tupi

Francisco Silva Noelli
Universidade Estadual de Maringá
Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História

As disciplinas científicas são construídas graças as idéias e ao trabalho de muitos indivíduos. Alguns, por suas peculiaridades e feitos, têm sua biografia acadêmica investigada e divulgada, como aqui é o caso do arqueólogo brasileiro José Joaquim Justiniano Proenza Brochado, autor de uma obra relevante e de uma excelente síntese, recentemente considerada como a “mais genial” sobre a Arqueologia Brasileira, “capaz de prover quadros orgânicos, mesmo que provisórios, da história pré-colonial” (Funari, Neves e Podgorny, 1999:1).

Apesar de inúmeras razões para falar da pessoa antes do cientista, de quem sou amigo e colaborador há mais de quinze anos, farei dessa curta biografia um resumo da sua vida profissional, visando, como sugere Eric Hobsbawn (1991:41), um “meio de esclarecer alguma questão mais abrangente, que vai muito além da estória particular”. A questão escolhida para esclarecer aqui é a diferença fundamental da abordagem que Brochado desenvolveu para pesquisar o passado da cultura material dos povos Tupi, incluindo seus processos de dispersão geográfica, distinta da abordagem empregada na famosa Tradição Tupiguarani, tema central deste livro.

Iniciarei com uma síntese dos 40 anos da vida acadêmica de Brochado. Depois comentarei suas principais idéias dedicadas à dispersão geográfica e à cultura material dos povos Tupi. A fonte da biografia é essencialmente a obra do homenageado, mas também aproveitei inúmeras informações e declarações ouvidas diretamente dele.

Síntese da trajetória acadêmica: 40 anos de trabalho

Brochado nasceu na cidade de Rio Grande, estado do Rio Grande do Sul, em 7 de março de 1936. Iniciou na Arqueologia por acaso, em 1958, como amador, integrando o Centro Excursionista Rondon, fundado em 1942 por jovens estudantes do Colégio Estadual Lemos Jr. para explorar a bela e arenosa região de Rio Grande (Brochado, 1962, 1969c; Almeida, 1993). Além de companheiros interessados no passado indígena e de viver num município com rico patrimônio arqueológico (atualmente com 105 sítios registrados), Brochado frequentava assiduamente a Biblioteca Riograndense, instituição com grande acervo de livros e periódicos sobre Arqueologia e Etnologia publicados do final do século 19 aos meados do século 20 (onde também leu Literatura e História Grega e Romana em inglês, francês, espanhol e italiano desde jovem).

Ao ingressar na universidade Brochado já era servidor público federal, datilógrafo do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis (DNPV), onde trabalhou dos 20 aos 29 anos. Neste período, como autodidata em busca de subsídios científicos para suas atividades amadoras, leu na Biblioteca Riograndense obras de Arqueologia e Etnologia sobre o Brasil, Argentina e Uruguai e outros lugares, com foco direcionado para a Região Sul do Brasil. O resultado das leituras apareceu na monografia *Arqueologia descritiva das jazidas páleo-etnográficas da Região Sul do Brasil*, concluída em 1961 e impressa no ano seguinte, em edição limitada, pela Faculdade Católica Sul-Riograndense de Pelotas, atual PUC de Pelotas (Brochado, 1962).

Em 1960 ingressou no curso de História da Faculdade Católica de Pelotas, mantendo seu trabalho no DNPV e

viajando 100 km diariamente para estudar. No início de 1962 foi para Porto Alegre, ingressando na Universidade do Rio Grande do Sul, atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para continuar a graduação, e transferindo-se para o escritório do DNPV na capital gaúcha, onde trabalhou até 1967. A experiência de campo e o conhecimento da bibliografia, aliadas a uma eloquência erudita e descontraída, atraíram a atenção do jovem catedrático, então um arqueólogo amador em via de profissionalização, Pedro Inácio Schmitz, que promoveu Brochado, ainda graduando, a instrutor de ensino da cátedra de Etnologia.

Após a formatura em 1963, foi contratado como auxiliar de ensino da cátedra de Etnologia, com dedicação parcial (12 horas/semanais) para lecionar Etnologia Indígena e Antropologia Cultural, incluindo temas de Arqueologia (Brochado, com. pessoal; Lewgoy, 1997:247; Teixeira, 1997:281). Em paralelo às aulas na URGs, devido ao baixo salário do cargo, Brochado acumulou outros empregos como docente e no DNPV. Entre 1966 e 1967 esteve vinculado ao Museu Estadual de Ciências Naturais do Rio Grande do Sul, para desenvolver pesquisas. Entre 1964 e 1968, lecionou no ensino secundário, no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, a melhor escola pública de Porto Alegre na época. De 1965 a 1971 lecionou em faculdades privadas. Com a reforma do ensino em 1971 e com a expansão das vagas docentes, Brochado passou ter apenas um emprego, como professor assistente no regime de dedicação exclusiva no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para lecionar no curso de Ciências Sociais e, após 1985, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, até aposentar-se em 1991 como professor adjunto. Em 1992 ingressou no corpo docente do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), para lecionar Arqueologia, Pré-História Geral, da América e do Brasil na graduação e na pós-graduação em História, até retirar-se do magistério em 1999, após 36 anos de dedicação. Sua relação com a PUCRS começou antes de 1992, particularmente com o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA), então coordenado pelo arqueólogo e irmão marista, prof. Guilherme Naue. Ali, sem vínculo empregatício, foi consultor e responsável pelo trabalho de laboratório de projetos isolados de arqueologia por contrato de 1985 a 1991.

Seu treinamento formal ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, em diversos cursos, sob a orientação pesquisadores renomados e, na maioria das vezes, foi colega de vários personagens que se destacaram na Arqueologia Brasileira e Sul Americana. Em 1962 foi convidado por José Loureiro Fernandes, da Universidade do Paraná (atual UFPR), para o curso de extensão “Arqueologia Pré-Histórica”, ministrado por Annette Laming-Emperaire, o seu primeiro treinamento científico em técnicas de campo e escavação, no sambaqui do Toral e no abrigo sob rocha Wobeto no Estado do Paraná (Meneses, 1970; Chmyz, 2000). A partir de 1965 (até 1970), recebeu outro treinamento de técnicas de campo e laboratório no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, coordenado por Clifford Evans e Betty Meggers. Entre 1966 e 1969 participou de dois cursos de especialização, para formação complementar em Arqueologia e Antropologia, ministrados por Pedro I. Schmitz, na Faculdade de Filosofia de São Leopoldo, Rio Grande do Sul (atual UNISINOS), complementados por pesquisas de campo. Entre 1972 e 1973 cursou outra especialização, orientado por Eduardo Mário Cigliano, na Universidad Nacional de La Plata, na Argentina. Finalmente, entre 1977 e 1981, sob orientação de Donald W. Lathrap, fez o doutorado na University of Illinois at Urbana-Champaign, Estados Unidos, estando entre os primeiros brasileiros com o título de doutor em Arqueologia (*Ph.D. in Anthropology*).

Sua carreira de pesquisador universitário teve progressão acelerada. Seus primeiros passos foram em 1962, sob a orientação de Schmitz, embora também um arqueólogo amador em busca de formação profissional, então autor de três artigos (Schmitz, 1957, 1958, 1959), e até aquele momento tinha sua educação formal em Arqueologia restrita a um curso de curta duração na Universidad de Córdoba, Argentina. Juntos, entre 1964 e 1975, realizaram pesquisas em sítios isolados e projetos de maior envergadura em diversas áreas do Rio Grande do Sul e Goiás: 1) litoral norte do Rio Grande do Sul (1965-1967); 2) Rio Grande e Pelotas (1966); 3) médio rio Jacuí (1973); 4) sudoeste de Goiás

(1974). Da colaboração resultaram apresentações em congressos e publicações (Brochado e Schmitz, 1976; Schmitz e Brochado 1971-1972, [1972] 1981a, 1981b, 1982; Schmitz, Brochado e Barth, 1973; Schmitz et al, 1967, 1970a, 1970b). Brochado recorda que em 1962-63, acompanhou Schmitz em atividades de campo no município de Novo Hamburgo.

Brochado integrou, entre o final de 1965 e 1970 o PRONAPA, onde avançou como pesquisador, recebendo bolsa do CNPq, equipamentos, veículo e custeios anuais para executar projetos exploratórios no Rio Grande do Sul: 1) vale do rio Ijuí; 2) vale do médio Jacuí; 3) vale do rio Ibicuí Mirim; 4) banhado do Colégio, rio Camaquã. Entre 1973 e 1974, após retornar da Argentina, voltou ao médio rio Jacuí junto com Schmitz, parcialmente financiadas pelo CNPq e IPHAN. Os resultados destas atividades também foram levados a congressos e publicados (Brochado, 1969a, 1969b, 1969c, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975; Brochado et al, 1969; PRONAPA, 1970; Brochado, Lazzaroto e Steinmetz, 1969; Schmitz, Rogge e Arnt, 2000).

A elaboração das publicações também resultou dos seus estudos complementares de formação acadêmica e dos contatos nos congressos, nos quais teve a oportunidade de trocar informações e debater diversos temas. Durante o PRONAPA participou de seminários nacionais e internacionais, com destaque para os ocorridos em Buenos Aires (1966), Belém (1968), Lima (1970) e Washington (1973), onde aprofundou a troca de informações e realizou estudos comparados dos materiais arqueológicos de diversas regiões do Brasil, da Argentina e do Uruguai, principalmente sobre cerâmica. Também colaborou na elaboração da “Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica” (Chmyz, 1976:120), que estabeleceu linguagem e conceitos padronizados para descrever cerâmicas arqueológicas no Brasil, sobretudo as indígenas, que é usada até hoje.

Sua trajetória científica mudou a partir de 1973, após a conclusão da especialização na Argentina e o contato com as idéias de Donald Lathrap (figura 1), distanciando-se momentaneamente da prática de campo e voltando-se para a busca de uma nova interpretação para as questões que mais lhe interessavam, pois Brochado entendia que era preciso levantar novos problemas. Seu projeto seguinte foi bibliográfico e iniciou em 1974, com o objetivo de investigar a adaptação ecológica dos Guarani no Rio Grande do Sul e o consumo da mandioca na América do Sul (Brochado, 1977, [1975] 1981c). Merece destaque seu livro *Alimentação na floresta tropical*, cuja análise sistemática sobre a agricultura, os equipamentos e os modos de consumir a mandioca no continente, influenciou diversas interpretações sobre a subsistência dos povos agricultores estudados pelos arqueólogos brasileiros na década de 1980. Também interessava-se pela busca de novas explicações sobre a distribuição dos povos ceramistas no leste da América do Sul, sobretudo os Tupi (Brochado, 1975, 1980a). Em 1975 Brochado começou a elaborar o projeto de doutorado, iniciado em 1977, com uma bolsa da Organização dos Estados Americanos (OEA) e, posteriormente, da CAPES.



José Brochado (esquerda) e Donald Lathrap (c. 1980)

Como veremos adiante, essa nova fase desencadeou mudanças importantes em Brochado, ampliando seus conhecimentos e renovando suas interpretações sobre os processos de criação cultural relacionados com a cerâmica e, secundariamente, com a agricultura no leste da América do Sul. Das novas pesquisas resultaram vários estudos relevantes de impacto teórico e empírico em nível internacional (Brochado, 1980b, 1984, 1989, 1991a, 1991b; Brochado e Lathrap, 1980). Seu mestrado foi concluído em 1980, com a dissertação *Social ecology of the Marajoara Culture*; e o doutorado foi concluído em 1984, com a tese *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America*.

De volta ao Brasil, Brochado iniciou uma pesquisa para ampliar o conhecimento sobre a cerâmica Guarani, que se estende até o presente. A primeira etapa dos estudos (1985-1989) foi desenvolvida em parceria com Fernando La Salvia, então vinculado à PUCRS, e incluiu alunos de graduação. Este trabalho resultou do projeto de arqueologia por contrato no alto rio Uruguai, coordenado por La Salvia e Guilherme Naue, onde Brochado atuou no Rio Grande do Sul e Santa Catarina (sob a coordenação de Marilandi Goulart, da UFSC). Encarregado do laboratório, Brochado procurava novos critérios para a análise morfológica das vasilhas, a partir de medidas encontradas em coleções de vasilhas inteiras (La Salvia e Brochado, 1986). O objetivo era verificar se havia padrões nas formas das vasilhas,

abandonar o método Ford e a análise centrada apenas na descrição de antiplástico, de tratamento de superfície e outros aspectos mensuráveis no fragmento cerâmico. O principal resultado foi o livro *Cerâmica Guarani* (La Salvia e Brochado, 1989), com uma abordagem voltada para a compreensão da forma e dos aspectos funcionais das vasilhas dentro de uma perspectiva histórica e etnográfica, que trouxe avanços relevantes à compreensão dos contextos arqueológicos e culturais Guarani.

Com a descoberta das informações taxonômicas e funcionais sobre as vasilhas Guarani no dicionário seiscentista de Antonio Ruiz de Montoya (1639)¹, Brochado encontrou a chave para a compreensão definitiva da morfologia e dos padrões construtivos das vasilhas. Foi o passo decisivo para iniciar o estudo dos aspectos funcionais (até então ignorados) e de categorias êmicas (até então desconhecidas), dando continuidade às suas pesquisas sobre a alimentação e uso das vasilhas. O trabalho incluiu levantamento nas fontes históricas para buscar dados sobre os contextos em que as vasilhas eram produzidas e usadas, e deu espaço para o treinamento de estudantes que somaram aos projetos em desenvolvimento, com destaque para Gislene Monticelli, a aluna (depois colega e colaboradora) mais importante nessa etapa da vida acadêmica de Brochado. Esta pesquisa levou Brochado a identificar: 1) tipologia de formas; 2) classes funcionais de vasilhas; 3) padrões nas regras de construção; 4) proporções de tamanho em cada classe; 5) relações entre classes e tratamentos de superfície (Brochado, Monticelli e Neumann, 1990; Brochado e Monticelli, 1994; Monticelli, 1996). Em que pese o avanço desta abordagem, a maioria dos trabalhos publicados no Brasil após 1989, relacionados com a cerâmica Guarani, prosseguiram com o método Ford.

Em 1986 Brochado continuou a orientar alunos de iniciação científica e especialização com bolsas do CNPq e FAPERGS, tanto para integrar partes de suas pesquisas com La Salvia, quanto para acolher interesses diversos dos alunos que lhe procuravam como orientador. Antes de 1986, especialmente entre 1967 e 1976, também orientou iniciação científica, mas apenas um tornou-se arqueólogo, Sérgio Leite, técnico e pesquisador do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul. Dentre os que tiveram seus interesses pessoais contemplados, posso citar eu mesmo e vários outros, com destaque para aqueles que acabaram produzindo publicações em parceria com Brochado (Brochado e Noelli, 1992, 2002; Noelli e Brochado, 1998; Brochado e Lima, 1994). No meu caso, entre 1987-1990 (estágio voluntário e iniciação científica) e 1993-1994 (bolsa recém-mestre), sempre como bolsa da FAPERGS, fui orientado por Brochado em pesquisas sobre o contexto das atividades cotidianas dos Guarani, com objetivo de estudar a função das vasilhas cerâmicas e outros artefatos, a produção de alimentos, especialmente os agrícolas, aprofundando as temáticas pesquisadas por Brochado após 1975 (Noelli, 1992a, 1992b, 1993, 1994, 1995, 1996a, 1996b, 1997, 1998a, 1998b, 1998c, 1999a, 1999b, 2000a, 2000b, 2000c, 2001; Noelli e Landa, 1991, 1993, Noelli e Dias, 1995; Noelli e Soares, 1997a, 1997b, Montardo e Noelli, 1995; Landa e Noelli, 1997; Noelli e Silva, 1997; Noelli e Brochado, 1998; Noelli, Trindade e Simão, 2001; Noelli et al, 2002; Noelli et al, 2003).

1 De acordo com Brochado, foi Maria Cristina Mineiro Scatamacchia, do MAE-USP, quem gentilmente lhe apresentou aquelas informações históricas. Contudo, Brochado teve o mérito e a percepção ímpar de reconhecer naquela fonte os elementos etnográficos que levariam ao contexto cultural da elaboração e do uso das vasilhas, que passaram despercebidos por gerações de pesquisadores que leram Montoya.

Após ingressar no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS (1985) e no Curso de Mestrado e Doutorado em História Ibero-Americana da PUCRS (1992), Brochado orientou diversas dissertações (Côrrea, 1989; Monticelli, 1995; Montardo, 1995; Peixoto, 1995; Landa, 1995; Jacobus, 1996; Schaan, 1996; Assis, 1996; Soares, 1996; Reis, 1996; Barbosa, 1999). Não fui orientado por Brochado¹, porque ingressei no curso antes da PUCRS contratá-lo, mas discuti intensamente o trabalho com ele (Noelli, 1993). Vários alunos de mestrado e doutorado que não eram seus orientandos também recorreram intensamente aos seus conselhos. Com a sua aposentadoria involuntária, várias orientações de mestrado e doutorado em andamento foram transferidas para outros professores no final de 1999.

Entre 1997 e 2001, principalmente em parceria com Gislene Monticelli, Brochado foi consultor de projetos de arqueologia por contrato no Rio Grande do Sul, produzindo relatórios e abrindo espaço para a iniciação científica. Em todos os projetos foi consultor ou responsável pelo laboratório, especialmente pela análise da cerâmica, onde desenvolveu, testou e aperfeiçou o seu método de análise (ver relatórios nas referências bibliográficas). Sua publicação mais recente foi um longo verbete sobre os povos Tupi, no volume 7 da *Encyclopedia of Prehistory* (Brochado e Noelli, 2002). Atualmente há dois trabalhos em fase de elaboração, um livro sobre a alimentação Guarani (Noelli e Brochado, m.s.) e uma atualização da metodologia de análise da cerâmica Guarani (Brochado, Monticelli e Noelli, m.s.).

A pesquisa sobre os povos Tupi

Conhecer a origem, os processos históricos e culturais do *Homo sapiens* e das suas populações específicas é objetivo comum da Arqueologia em todo o mundo. No Brasil a primeira pesquisa relevante desta temática foi na década de 1830, quando Karl von Martius formulou sua hipótese sobre a origem e a dispersão geográfica dos Tupi, atraindo gerações de estudiosos que ampliaram e revisaram a temática, com destaque para Karl von den Steinen, Ladislau Neto, Hermann von Ihering, Erland Nordenskjöld, Alfred Métraux, Aryon Rodrigues, Clifford Evans, Betty Meggers e Donald Lathrap. Brochado encerra a eminente lista, impondo-se como o divisor de águas para a compreensão da expansão Tupi (cf. história das pesquisas em Noelli, 1996a, 1998a). O resultado destes estudos mostra que a gênese cultural Tupi constitui-se de elementos Amazônicos, conservados na dispersão pelo leste da América do Sul.

Considero que a história da pesquisa sobre a origem e a expansão Tupi divide-se em cinco partes² até 1984. A primeira foi a percepção da unidade lingüística dos povos Tupi, descoberta por Martius ([1839] 1867), delineada por von den Steinen (1886) e sistematizada por Rivet ([1924] 1952) e Loukotka (1935, 1939, 1950). A segunda foi a abordagem etnológica da cultura material de Erland Nordenskjöld (1924, 1930) e, principalmente, Alfred Métraux (1928), que deram massa à estrutura reconhecida na 1ª etapa e introduziram a teoria do difusionismo e do histórico-culturalismo para explicar as semelhanças entre os povos Tupi. A terceira foi a revisão lingüística de Aryon Rodrigues (1958, 1964, 1984-85), que demonstrou as relações genéticas entre as línguas da família Tupi-guarani e das demais famílias Tupi, que são aperfeiçoadas até o presente (Moore e Storto, 2002). A quarta, iniciada no final do século 19, é

1 Fui orientado (agosto de 1990 a fevereiro de 1993), como bolsista do CNPq, pela Profa. Dra. Paula Caleffi Giorgis, que me deu inteira liberdade para desenvolver a pesquisa de mestrado.

2 Brochado não incluiu estudos de organização social, embora tenha usado como inspiração as idéias de Branislava Susnik (1975) sobre os processos sociais e políticos na expansão dos Tupi-guarani. A inclusão destes estudos serão necessários em futuro próximo, pois a renovação de grande impacto liderada por Eduardo Viveiros de Castro e colegas (1986, 2002; Viveiros de Castro e Cunha, 1993; Fausto, 2001) é indispensável para introduzir a questão das diferenças entre os Tupi. Recentemente a obra de Susnik foi analisada em detalhe por Oliveira (2002).

a incorporação das informações arqueológicas por Ladislau Neto e Herman von Ihering. Mais tarde foi introduzida a abordagem difusionista, como objetivo de marcar e datar os pontos geográficos das “rotas de migração”, estabelecer conjuntos regionais e horizontes arqueológicos, inicialmente liderada por Clifford Evans e Betty Meggers, extendendo-se até o presente sob a perspectiva da Tradição Tupiguarani (inclui dados anteriores a 1965). A quinta é a hipótese de Lathrap (1970a, 1970b) sobre a pressão demográfica como razão da saída da Amazônia, principal ponto de partida de Brochado.

A tese de doutorado de Brochado é marcada por uma preocupação distinta daquela que moveu Meggers, Evans e seus discípulos brasileiros, sendo o trabalho em que reuniu/repensou/recolocou as explicações das cinco partes enumeradas acima, e criou uma proposição e uma abordagem distinta do modelo da Tradição Tupiguarani. Explicar esta distinção é fundamental neste livro, aproveitando a oportunidade para demarcar claramente as diferenças científicas.

A Tradição Tupiguarani

O princípio norteador da Tradição Tupiguarani não tem por objetivo estabelecer a continuidade entre contextos arqueológicos e culturais, seguindo o pressuposto “tratar a cultura de uma maneira artificialmente separada dos seres humanos”, enunciado por Meggers (1955:129). Com outra perspectiva e na direção oposta, Brochado (1984:1) começa sua tese de doutorado com a antítese de Meggers, escrevendo que “se não forem estabelecidas relações entre as manifestações arqueológicas e as populações que as produziram, o mais importante terá se perdido”.

Brochado propôs seu modelo a partir da: 1) distribuição geográfica histórica dos falantes Tupi; 2) relação genética entre as línguas do tronco Tupi; 3) distribuição geográfica das cerâmicas arqueológicas da Tradição Policroma Amazônica (TPA); 4) distribuição geográfica e temporal das datações das cerâmicas da TPA. Distanciou-se da postura adotada pelos idealizadores do PRONAPA na medida em que não restringiu seus horizontes a uma análise dos dados arqueológicos propositalmente dissociados dos contextos culturais. Agindo ao contrário, em busca da associação, o foco de Brochado era procurar estabelecer a continuidade entre o contexto arqueológico e o contexto cultural.

Seguindo a proposta histórico-cultural de Willey e Phillips (1958), a estratégia operacional do PRONAPA foi pragmática em 1965, para contornar a insipiência dos pesquisadores brasileiros e o escasso conhecimento arqueológico do Brasil. O PRONAPA formou um campo científico (Funari, 1994; Roosevelt, 1995) e implantou novas categorias explicativas, livres da arraigada tradição de partir de aspectos etnográficos para abordar os registros arqueológicos. Reduzir o escopo da metodologia e adotar uma abordagem exploratória sumária, foi a alternativa de Evans e Meggers para evitar complicações e cumprir o objetivo de revelar rotas de difusão da cerâmica em 5 anos (1965-1970). O pragmatismo mostrou-se acertado, permitindo rápida cobertura de vasta região, localizando e pesquisando mais de 1.500 sítios sob único critério. O resultado da exploração foi positivo, com o reconhecimento de conjuntos de registros arqueológicos chamados de tradição e das articulações espaço-temporais que revelaram a existência de distintos horizontes arqueológicos. Simpatizantes prontamente adotaram o método e ampliaram a área explorada, numa prática empregada até hoje no Brasil e países sul-americanos.

O uso do conceito de tradição foi estratégico e trazia a metodologia da vanguarda da Arqueologia norte-americana, pouco antes de ser suplantada pela Nova Arqueologia (que levou cerca de 15 anos para chegar ao Brasil). A meta era revelar a extensão geográfica, a profundidade temporal e o desenvolvimento cultural das tradições, configurando um período que na história da Arqueologia Americana ficou conhecido como “histórico-classificatório” (Willey e Sabloff, 1980). O embasamento teórico do PRONAPA foi o difusionismo europeu, com maior visibilidade que o neo-evolucionismo norte-americano, do qual apropriou-se apenas de conceitos-chaves (horizonte, tradição e fase) para

orientar as pesquisas, deixando de lado a ênfase na classificação evolutiva das sociedades.

Para o PRONAPA, tradição era um “grupo de elementos ou técnicas, com persistências temporal” (Terminologia, 1966, 1976:145), uma adaptação simplificada do conceito original de Willey e Phillips (1958:37): “tradição arqueológica é uma continuidade temporal, representada por configurações continuadas de tecnologias individuais ou outros sistemas de formas relacionadas”.

Tradição reúne unidades menores, locais ou regionais, chamadas de fase. Para o PRONAPA, fase é “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc., relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios” (Terminologia, 1966, 1976:131). Também foi uma simplificação de Willey e Phillips (1958:22), para quem fase configurava como

uma unidade arqueológica, que possui traços suficientemente característicos para distingui-la de todas as outras unidades concebidas do mesmo modo, quer da mesma, quer de outras culturas ou civilização (ou tradições), limitada espacialmente à ordem de grandeza de uma localidade ou região cronologicamente limitada a um espaço de tempo relativamente breve.

Para rotular os registros arqueológicos dos Tupi, mas evitando qualquer relação com a etnologia e a lingüística (Brochado et al, 1969e:10), o Programa criou em 1969 o conceito “tradição Tupiguarani”, sem o hífen que caracteriza o conceito etnológico Tupi-guarani tradicionalmente usado no meio americanista desde sua proposição em 1886 por Karl von den Steinen (Noelli, 1996a:12). “Tradição Tupiguarani” foi uma ferramenta de fácil aplicação, especialmente projetada para classificar fragmentos cerâmicos, sendo um ícone do PRONAPA:

Tradição Tupiguarani. Uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policrômica (vermelho e ou preto sobre engobo branco e ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida, e, pelo uso de tembetás. (Terminologia, 1969:8, 1976:146)

Considerando a variação na freqüência dos registros arqueológicos das fases, “baseada primariamente sobre evidência cerâmica” (Brochado et al, 1969e:20), em 1969 a tradição Tupiguarani foi dividida em 3 subtradições: pintada, corrugada e escovada. Por exemplo:

Subtradição Pintada. Uma variedade da Tradição Tupiguarani, caracterizada, no seu conjunto cerâmico, pela predominância da decoração pintada sobre as decorações corrugada e escovada. (Terminologia, 1969:7).

As demais subtradições tiveram definição idêntica, considerando o predomínio do corrugado ou do escovado. Estas classificações e a descrição da cerâmica ainda são praticadas sob a forma original da *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica*, mas, eventualmente, como se pode ver em alguns capítulos deste livro, são acrescentadas novas definições e propostas de análise.

Está claro que a função da tradição Tupiguarani é descrever, datar, posicionar no espaço e classificar certos registros arqueológicos, caracterizando-se como uma clássica abordagem exploratória (Neves, 1988). Seu maior mérito, no espírito histórico-cultural, foi contribuir na definição das rotas de difusão da cerâmica e identificar os tipos de ambientes ocupados (Evans, 1967; Evans e Meggers, 1965; Meggers e Evans, 1973, 1978), sem o propósito de resgatar os processos históricos e sociológicos das sociedades. A importância desta abordagem foi demonstrar que no imenso território, “apesar das fases componentes desta tradição [Tupiguarani] divergirem na presença, freqüência relativa e combinação de traços [da cerâmica], todas mostram a mesma cultura geral” (Brochado et al, 1969e:18). Tão importante quanto a unificação metodológica, foi a comparação sistemática dos registros arqueológicos de regiões diferentes, incluindo outros países da América do Sul onde Evans, Meggers e colaboradores trabalhavam (Meggers, 1985, 1992).

A larga escala da área estudada e a comparação revelaram que a extensão geográfica da Tradição Tupiguarani era maior que a imaginada antes de 1965 (Outes, 1917; Lothrop, 1932; Howard, 1947, 1948; Watson, 1947; Willey, 1949; Menghín, 1957; Silva e Meggers, 1963; Meggers, 1963; Evans e Meggers, 1965).

Os dados rotulados como Tradição Tupiguarani, embora necessitem de relativização e calibrações diversas, sempre servirão como ponto de partida para pesquisas com outras abordagens. Mesmo que a abordagem do PRONAPA não possibilite com toda a plenitude uma interpretação processual, pós-processual ou de outra vertente mais recente, constitui um legado que não pode ser ignorado e que serve como referência empírica sobre os conjuntos de registros arqueológicos de ampla distribuição geográfica. Creio que é antropológicamente correto ter à disposição mapas de sítios Tupiguarani, ao invés de apenas registros sem rótulo que não se pode analisar e interpretar, a exemplo dos chamados sítios **cerâmicos** ou **lito-cerâmicos**, como se constata atualmente em muitas publicações, dissertações, teses, relatórios e no banco de dados do IPHAN, a maioria da década de 1990, que impedem de se estabelecer a relação, mesmo que provisória, de continuidade entre contexto arqueológico e cultural.

Em que pese o fato de Brochado (1984:29) ter passado a opor-se a metologia do PRONAPA, ele sempre defendeu a necessidade de aproveitar os dados gerados sob a interpretação pronapiana. É preciso lembrar que antes de rever seus conceitos e posições em meados da década de 1970, Brochado seguiu o Programa de modo diligente e exemplar entre 1966 e 1973, sendo um dos membros mais destacados cientificamente. Tanto, que há pouco tempo foi considerado por Pedro I. Schmitz, como o autor da “melhor síntese dos resultados” do PRONAPA (Silva et al., 2002:293). Esta síntese foi publicada em duas partes, originalmente integrantes do trabalho de conclusão da especialização de La Plata. Uma parte é o artigo *Migraciones que difundieron la Tradición Tupiguarani* (Brochado, 1973b), a primeira publicação do Programa a cumprir a meta de definir as rotas de difusão da cerâmica Tupiguarani. Ela mostra a distribuição geográfica da Tradição Tupiguarani e demarca rotas da difusão cerâmica (figura 2), numa versão utilizada até hoje por alguns arqueólogos que trabalham com os conceitos de subtradição pintada, corrugada e escovada. A outra parte está no artigo *Desarrollo de la tradición cerámica Tupiguarani (A.D. 500-1800)* (Brochado 1973c, 1981a), que cumpriu com diligência o outro objetivo pronapiano, de compreender a escolha dos ambientes pela Tradição Tupiguarani.

Apesar de ter feito a melhor síntese do PRONAPA e ter dedicado sua tese a Clifford Evans, a quem devota grande admiração, os novos rumos intelectuais de Brochado depois de 1973 resultaram em diferenças que afastaram os pronapianos. O fato dele ter ido para o doutorado com Donald Lathrap acrescentou ingredientes políticos às diferenças científicas, pois Lathrap era o grande rival de Meggers e Evans, cujos duelos acadêmicos foram notórios na década de 1970 e contribuíram para polarizar grupos na comunidade americanista.

A mudança de Brochado surgiu da necessidade de alcançar uma teoria mais ampla, que considerasse elementos antropológicos, históricos, sociológicos e biológicos, indo além da abordagem exploratória limitada à localização, descrição, classificação de fragmentos e da reprodução das teorias do determinismo ecológico. Na direção dos avanços da Arqueologia Internacional, Brochado queria conhecer os processos históricos e culturais das sociedades e suas estratégias econômicas e ecológicas, de uma forma que o projeto de Meggers e Evans não pretendeu alcançar.

Mudança de rumo: a influência de Donald Lathrap

Brochado teve em Donald Lathrap o incentivo para investigar e desenvolver modelos de continuidade entre os contextos arqueológicos e culturais dos Tupi, depois extendidos para outras culturas. Ele conheceu as idéias de Lathrap em 1973, no livro *The Upper Amazon*, achando exemplo e inspiração para mergulhar definitivamente no rico e controverso ambiente americanista. Distanciando-se da bonomia e da empiria pronapiana, Brochado foi às fontes

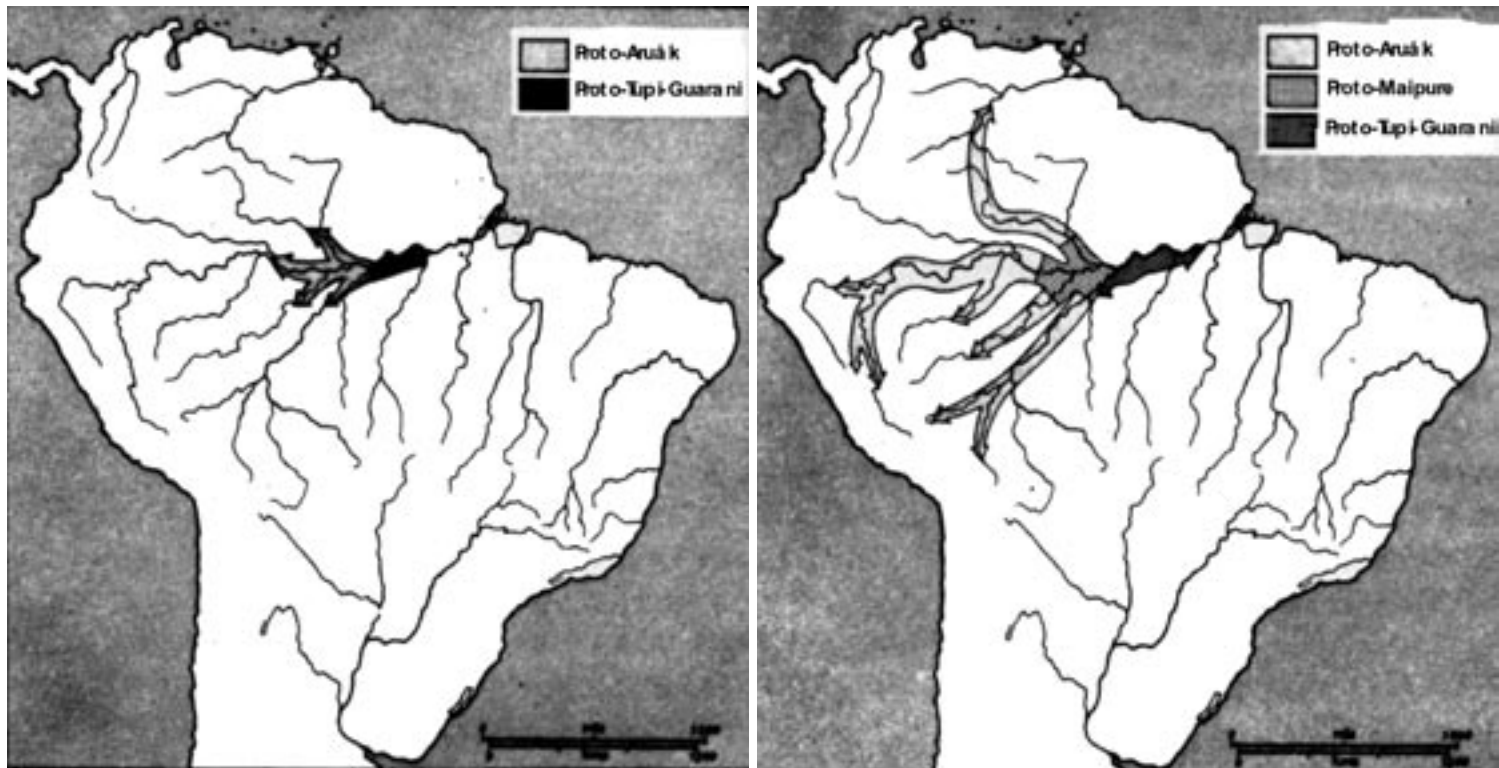
primárias da arqueologia, da etnologia, da história e da lingüística histórica comparada, crendo que o debate sobre as diferenças fariam a Arqueologia brasileira avançar (com. pes. Brochado).

A partir daqui, em razão do espaço, centrarei a narrativa em duas das linhas de pesquisa de Brochado, sobre a origem e os processos de dispersão geográfica dos Tupi e a relação entre a forma e a funcionalidade da cerâmica Guarani e Tupinambá.

A origem dos Tupi

Foram as teorias de Lathrap sobre a origem da cerâmica Tupi que atraíram Brochado, por representarem uma perspectiva oposta em vários aspectos às teorias de Meggers (cf. relato de Carneiro, 1995, sobre as críticas à Meggers nas décadas de 1960 e 1970). Lathrap propunha a Amazônia central como “berço de sociedades complexas e foco difusão cultural” (Viveiros de Castro, 2002:329). O pilar da teoria de Lathrap é a hipótese de que o aumento contínuo da pressão demográfica no centro da Amazônia resultou num permanente e centrífugo exôdo populacional em várias direções, atingindo áreas distantes e dispersando artefatos e práticas agrícolas criados no interior da Amazônia (figura 3). A inspiração difusionista é notória nesta teoria, especialmente por considerar o uso do rio Amazonas e dos seus afluentes e várzeas como caminho principal da difusão da cerâmica e como provedor do suporte alimentício que possibilitou o crescimento demográfico.





Modelo das expansões, conforme Lathrap (1970)

Lathrap buscava uma alternativa humanista ao modelo padrão do determinismo ecológico de Julian Steward, que na versão de Meggers (1954, 1971) propunha as limitações ambientais como motor das migrações (posteriormente ela agregou os efeitos climáticos [seca] sobre a vegetação como motor da dispersão Tupi-guarani: Meggers, 1975, 1977, 1979, 1994; Meggers e Evans, 1973, 1978). Enquanto Lathrap acreditava que as relações sociais e a criatividade humana para adaptar-se ao ambiente geraram a diferenciação cultural, Meggers apostava que a diferenciação resultou do empobrecimento cultural imposto pela floresta tropical. Meggers desenvolveu o modelo padrão e ainda defende a origem extra-continental e andina da cultura e da complexidade social (Meggers, 2000), considerando que o ingresso na floresta tropical simplificou gradativamente as características andinas até atingir níveis mais baixos, tal como a hipótese degeneracionista de Martius em meados do século 19 (Noelli, 1996a, 1998a).

A interpretação de Lathrap sobre as seqüências de desenvolvimento da cerâmica sul americana e a sua busca por modelos de continuidade entre contexto arqueológico e cultural, foram motivos adicionais que atraíram Brochado, que se tornou um parceiro importante de Lathrap na pesquisa sobre a criação e difusão da cerâmica na América do Sul. Em última instância, ambos procuravam a trajetória do desenvolvimento tecnológico e artístico, da “sucessiva criação, separação, evolução e ramificação de estilos e tradições cerâmicas” (Brochado, 1989:69). Este objetivo foi cumprido

em parceria na síntese *Amazonia* (Brochado e Lathrap, 1980), monografia ainda inédita¹ de 131 laudas datilografadas, onde apresentam uma interpretação da referida trajetória. Por outro lado, na tese, Brochado desenvolveu o modelo de continuidade entre o contexto arqueológico e cultural Tupi sugerido por Lathrap (1968, 1970a, 1970b), demonstrando os elementos necessários para relacionar a Tradição Tupiguarani com as populações Guarani e Tupinambá, e consolidar novas rotas de expansão.

A colaboração entre Brochado e Lathrap também privilegiou dois aspectos que não integravam a perspectiva do PRONAPA. Primeiro, a verificação da continuidade entre o contexto arqueológico e o cultural, especialmente fora da Amazônia. Segundo, a criação de uma explicação arqueológica mais completa para a origem e a expansão Tupi, orientada por modelos lingüísticos, considerados a melhor alternativa face às lacunas da Arqueologia brasileira. Ao contrário da maioria dos arqueólogos brasileiros, que raramente utilizaram dados lingüísticos em suas pesquisas, Brochado atribui grande peso a estas informações, sempre que possível considerando-os simétricos aos registros arqueológicos, fortemente inspirado por Lathrap.

É importante comentar as idéias de Lathrap que influenciaram Brochado, que não foi um simples reproduzidor, mas um parceiro que contribuiu de modo relevante para desenvolvê-las.

A análise comparada das evidências cerâmicas arqueológicas da América do Sul conhecidas até 1969, especialmente na região amazônica, e das informações botânicas relativas à agricultura, levou Lathrap à especulação de que a Tradição Policroma Amazônica (TPA) foi criada pelos proto-Tupi, também responsáveis pela sua difusão a partir do médio Amazonas (que então chamou de Tupi-guarani, baseado em Aryon Rodrigues, 1958). Considerando a Amazônia Central a “terra natal” da TPA, Lathrap sugeriu a hipótese de que ali as datações eram mais antigas que outras regiões da América do Sul (Lathrap, 1970a). Por outro lado, procurando as relações entre as tradições e estilos cerâmicos, Lathrap sugeriu que a TPA seria uma derivação/transformação recente de um ramo da Tradição Barrancóide (TB ou Tradição Incisa e Modelada), representada pela subtradição Guarita, com a substituição gradual dos modelados e das incisões em linha larga por pintura policroma, mantendo inicialmente os motivos decorativos típicos da TB tardia e as suas formas mais simples. Depois a pintura aparece progressivamente diferenciada nos campos decorativos, retendo a característica dos motivos em voluta (Lathrap, 1970a:156; Brochado, 1984:319-320; Brochado e Lathrap, 1980). Posteriormente, desenvolvendo estas hipóteses, Brochado sugeriu que as variações da TPA ocorreram junto com as derivações genéticas que resultaram nas diferentes línguas do tronco Tupi.

¹ Apesar de ainda não ter sido publicada, a versão datilografada de *Amazonia* sempre circulou e foi muito citada pelos especialistas daquela região.

O modelo comparativo de Lathrap estabeleceu parâmetros para a referida seqüência “criação, separação, evolução e ramificação de estilos e tradições cerâmicas”, partindo do pressuposto da origem unilinear da cerâmica sul americana. Lathrap baseou-se em exemplos de outros continentes, considerando necessário equalizar o modelo arqueológico com o lingüístico para ampliar a compreensão das seqüências que corresponderiam às mudanças culturais. Com esta solução Lathrap explicou a seqüência que resultou na diferenciação da TB para a TPA e, posteriormente, da TPA para a subtradição Guarita, sugerindo que as mudanças arqueológicas teriam paralelo com a deriva genética da língua ancestral que teria gerado o proto-Aruák e o proto-Tupi (Lathrap supôs que os proto-Aruák criaram a TB). Amparou-se em Noble (1965), sobre a origem comum proto-Aruák e proto-Tupi, e em Rodrigues (1958), sobre as derivações genéticas da família Tupi-guarani, concluindo ser “provável que o proto-aruaák-tupi-guarani sejam aparentados, e é certo que eram pelo menos muito afins, em época imediatamente anterior à sua dispersão” (Lathrap, 1970a:76)².

A influência dos lingüistas é notória, mas existe um *gap* entre os centros de origem Tupi de Lathrap e de Rodrigues. O último sugeriu o sudoeste da Amazônia, atual Estado de Rondônia, baseado no princípio da lingüística histórica de que a área de concentração do maior número de famílias lingüísticas filiadas a um tronco lingüístico tem mais chance de ser a região de origem. Lathrap, imaginando que o centro da Amazônia reunia as condições mais favoráveis para a criação tecnológica, para as descobertas botânicas e que seria um caminho natural de difusão, levantou a hipótese de que a região da foz do rio Madeira seria a “terra natal dos Tupi”. Todavia, a hipótese de Rodrigues continua atual e, talvez, a mais correta, pois agora entende-se como mais provável que as famílias lingüísticas de fora de Rondônia saíram, ao invés das situadas dentro serem de outra região (Moore e Storto, 2002:80). Em que pese a necessidade de testes, ajustes e pesquisas, esta hipótese possui mais consistência que a hipótese original de Martius ([1839] 1867) sobre a origem Tupi no Paraguai, também pensado como a região por onde os ancestrais dos Tupi vieram dos Andes. Contudo, o Paraguai e a Bolívia não apresentam as seqüências arqueológicas com os atributos que compõem a cerâmica Tupi, nem as línguas da família Tupi-guarani de origem às demais línguas Tupi (Rodrigues, 1964, 1984-85, 2000).

É importante ressaltar que o recurso à lingüística histórica para pensar a origem Tupi foi a alternativa encontrada por Lathrap para superar as lacunas arqueológicas na Amazônia central (que ainda persistem, apesar dos lentos avanços naquela imensidão geográfica). Independentemente da margem de erro, o papel da hipótese lingüística é apontar balizas consistentes na ausência dos dados arqueológicos, necessárias para calibrar uma aproximação “mais correta” da área de origem. A hipótese que estas evidências sugerem, indica como muito provável que a origem foi em algum lugar do quadrante sudoeste da Amazônia meridional. Ao sugerir o médio Amazonas e a foz do Madeira, Lathrap tinha consciência do caráter provisório da sua hipótese, passível de teste e correção (Brochado, com. pessoal, 1987). As primeiras pesquisas de alto nível no médio Amazonas (Hackenberger, Neves e Petersen, 1998), mostram que a seqüência pensada por Lathrap e Brochado é mais recente (ca. 900 D.C.) e possui cortes abruptos ao invés do desenvolvimento gradual TB TPA Guarita Miracangüera. É provável que a seqüência cerâmica seja diferente da originalmente proposta, estando em aberto a relação proto-Tupi TPA e a seqüência que resultou nas variações da TPA, cujos elos remotos de ligação com as seqüências que lhe deram origem ainda são precariamente conhecidos.

² Quinze anos após a publicação de *The Upper Amazon* e um ano após Brochado defender sua tese, Rodrigues (1985) invalidou a hipótese de Noble e demonstrou que o proto-Karib seria a proto-língua geneticamente mais próximo do proto-Tupi. De acordo com Rodrigues, o proto-Aruak não apresenta parentesco genético com o proto-Tupi.

É provável que a origem seja em outra parte da Amazônia, mas onde? A hipótese de que a TPA foi concebida pelos proto-Tupi ainda não foi testada/comprovada e carece de base empírica, em que pese as cerâmicas Guarani e Tupinambá terem elementos decorativos que são evidência concreta da sua ligação com a TPA. Contudo, resta esperar por uma pesquisa de comparação estatística dos atributos das cerâmicas policromas do leste da América do Sul, para verificar a(s) seqüência(s) de desenvolvimento e dispersão geográfica e aperfeiçoar o modelo proposto por Brochado e Lathrap na monografia *Amazonia*.

A questão da antigüidade da origem do proto-Tupi não foi resolvida arqueologicamente por Lathrap e Brochado, mas eles apontaram um caminho consistente para refletir sobre os problemas em aberto. A falta de informações da Amazônia central reduziu a precisão deste aspecto da pesquisa deles, levando-os a usar as sugestões dos lingüístas como uma alternativa às tradicionais especulações deterministas despidas de dados. Eles passaram a usar como referência a seqüência cronológica, os processos de formação das línguas como indicador do surgimento das populações e as reconstruções de vocabulários das proto-línguas que eram índice positivo da presença de traços culturais, como a cerâmica, as plantas e outros itens da cultura material.

Rodrigues (1964) sugeriu que a origem do proto-Tupi foi 5.000 A.P. e que, um dos seus desdobramentos originou o proto-Tupi-Guarani ao redor de 2.500 A.P. Estas datas sugeriram a Lathrap e Brochado que as seqüências de desenvolvimento da cerâmica seriam mais antigas que as poucas datações conhecidas para a TPA no médio Amazonas no final da década de 1970. Em todo caso, eles restringiram-se a sugerir que a origem ocorreu a partir de 500 A.C. (Lathrap, 1970a:156; Brochado, 1984:319-320, 1989:73), correspondendo aos 2.500 A.P. estabelecidos por Rodrigues. Contudo, as datações obtidas fora da Amazônia, mais os avanços da lingüística e da etnobiologia mostram que a origem dos Tupi é tão antiga¹ como sugeriu Rodrigues, bem como a cerâmica e a agricultura os acompanhou desde o princípio.

Por outro lado, Meggers e Evans (1973:57) e aqueles que lhes seguiram, defenderam a posição de que os falantes do proto-Tupi não eram agricultores, sugerindo que a antigüidade da separação proposta por Rodrigues começou “quando os falantes eram ainda pré-agricultores e ainda não fabricavam cerâmica”. Contudo, a manutenção desta posição é uma generalização que não considera o contexto de todos os dados e hipóteses conhecidos sobre os Tupi até o presente.

As descobertas posteriores a 1973 confirmaram a teoria de Lathrap e Brochado e debelaram a teoria de Meggers e Evans. As datações recuaram para origem da cerâmica na Amazônia para 8.000 A.P. (Roosevelt et al, 1992). Para a agricultura existem datações próximas de 10.000 A.P. (Piperno e Pearshall, 1998; Stothert et al., 2003), a exemplo do caeté, das abóboras, da cabaça, da araruta e da batata-doce. A mandioca e o amendoim já alcançam 8.400 A.P.; as favas chegam a 5.000 A.P. e o milho deverá alcançar 5.300 A.P. na Amazônia (com várias datas a partir de 7.000 A.P. na costa do Equador). Estas descobertas tornam acertadas as reconstruções de Rodrigues (1988), tanto para as plantas de agricultura quanto para a cerâmica (o vocábulo panela atesta que a cerâmica integra a tralha doméstica desde o proto-Tupi). Uma amostragem parcial demonstra que a taxonomia e a função das vasilhas são constantes em várias línguas Tupi (Tabela 1):

¹ O conjunto de todos os dados conhecidos pela Arqueologia e por outras disciplinas sugerem que a origem dos Tupi e dos Tupi-Guarani pode ser ainda mais antiga que a hipótese de Aryon Rodrigues.

Tabela 1: Taxonomia/função da cerâmica Tupi histórica (séculos XVI a XX)

Língua	Região	Panela	Talha	Prato	Copo
Guarani antigo	Brasil Meridional	Yapepó	Cambuchi	Ñaé, ñaembé	Cambuchi caguabã
Chiriguano	Bolívia	Yapepó	Cambuchi	Ñae	Cagua
Tupi antigo (Tupinambá)	Litoral brasileiro, Maranhão até São Paulo	Nhaêpepô	Kamuci	Nhaen	Caguaba
Língua geral amazônica	Médio-baixo Amazonas	Yapepu	Camusî	Nhaen, nhaembé	
Tembé	Maranhão	Zapêpo	Kamuti		
Kayabí	Xingu	Iapepó			
Asuriní, Xingu	Xingu	Japepaí			
Parintintin	Tapajós	Nhapepo	Kamambuí	Nhaetingy'a	Y'gwav
Apiaká	Tapajós	Nhepepo			
Ka'apor	Maranhão		Kamuxi		
Wirafed	Madeira	Yapepoí			

Os dados desta tabela 1, por mais incompleta que se encontre, mostram padrões inquérvocos de semelhança que reforçam reconstruções como a de Aryon Rodrigues e os princípios da lingüística histórica, indicando que este fenômeno explica-se pela antigüidade da presença da cerâmica no proto-Tupi, ao invés da difusão tardia. E se as vasilhas já existiam com estas funções, como é provável, a agricultura já estava presente, uma vez que as vasilhas foram projetadas para cumprir funções específicas, especialmente a talha e o copo usados para o consumo do cauim. A desconfiança comumente demonstrada pelos arqueólogos diante destes dados deveria ser arrefecida, pois eles são um ponto de partida muito mais consistente que as tradicionais concepções brasileira arraigadas apenas em idéias despidas de fundamentação empírica.

Outra frente de trabalho reforça a teoria de Rodrigues e abre um novo leque de possibilidades. A ecologia histórica dos povos Tupi-guarani, na linha de pesquisa dos "aspectos culturalmente construídos da ecologia" realizada por William Balée (1995, 2000; Balée e Moore, 1991, 1999), com densos estudos comparados, revela a persistência e a manutenção do conhecimento etnobotânico tradicional desde, pelo menos, o proto-Tupi-guarani.

As datações arqueológicas de fora da Amazônia contribuem para reforçar as teorias de Lathrap e Rodrigues, indicando que dentro da Amazônia serão encontradas datas mais antigas. Deve-se pensar que "dentro da Amazônia" não significa somente o centro e, deixando de lado os determinismos, tampouco apenas junto às várzeas e grandes rios. Outras áreas e ambientes precisam ser analisados no futuro. Em todo caso, a posição das evidências arqueológicas, lingüísticas e históricas, predominantemente encontradas ao sul do rio Amazonas, tornam esta imensa área a principal candidata onde se localizará um dia a "terra natal" dos proto-Tupi.

O PRONAPA e outros projetos revelaram um denso mapa arqueológico Tupi fora da Amazônia, nas Regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil, incluindo o nordeste da Argentina, Paraguai Oriental, partes do Uruguai e Peru Oriental. Estas regiões incluem os extremos da expansão Tupi e diversas datações confirmam que antigüidade do proto-Tupi e do proto Tupi-guarani é um fato, não apenas uma hipótese. O conjunto de datas (Brochado,

1984; Buarque, 1995; Martín, 1997; Etchevarne, 2000; Oliveira e Viana, 2000; Morais, 2000; Noelli, 2000; Pärssinen, 2003), mostra que áreas próximas dos extremos da expansão estavam ocupadas por falantes das línguas Tupi-guarani (Guarani e Tupinambá) há pelo menos 1.000 A.P. (p. ex.: Piauí, Rio de Janeiro, médio rio Uruguai, médio rio Paraná) e, em alguns pontos, há mais de 1.500 A.P. (Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Departamento de Chuquisaca, Bolívia). Este horizonte mostra que a hipótese dos 2.500 anos de antigüidade do proto-Tupi-guarani são corretos, mas indica que podem ser mais antigos. O mesmo princípio serve à antigüidade do proto-Tupi, estimada em 5.000 anos. Se os Tupi levaram a cerâmica policroma aos extremos da sua expansão há 1.500 anos, também é muito provável que ela possui datas mais antigas quando se aproxima da possível zona de origem, não sendo descabidos os 4 ou 5.000 anos. Então, além da necessidade de se obter mais datações, outro problema está completamente em aberto, que é a velocidade da expansão dos Tupi.

A expansão dos Tupi

A explicação da distribuição geográfica dos povos Tupi é baseada, a partir de Martius, no princípio de que eles se irradiaram a partir de uma região de origem comum. Desde então, o grande desafio foi descobrir as rotas dessa irradiação, explicadas como fenômenos de migração, difusão e expansão (Cf história das pesquisas In: Noelli, 1996a, 1998a, 1999b).

A primeira contribuição de Brochado nesta temática foi a síntese *Migraciones que difundieron la Tradición Tupiguarani* (Brochado, 1973b), uma complexa análise descritiva que cumpriu com excelência o objetivo do PRONAPA de conhecer as “rotas migratórias” da cerâmica dos Tupi. A importância deste trabalho e dos resultados do PRONAPA para história da pesquisa sobre os Tupi, reside no fato de que pela primeira vez se apresentou uma base arqueológica, incluindo a cronologia com ^{14}C , para um campo onde havia predominado a informação histórica e etnológica.

A base do trabalho foi a elaboração do mapa da distribuição dos sítios com as fases Tupiguarani, interpretado a partir do método de seriação (Ford, 1962; Meggers e Evans, 1970). Com a análise da distribuição de 52 datas por ^{14}C e outras por termoluminescência, foi possível estabelecer o sentido das “rotas migratórias”. Além disso, Brochado incluiu uma análise comparada do tratamento da superfície das cerâmicas, para descrever com maior precisão a “evolução da tradição ceramista Tupiguarani”. Brochado (1973b:10) seguiu Métraux (1927, 1928), considerando que ele “descreveu rotas muito semelhantes às que propomos aqui partindo dos dados arqueológicos” (figura 3). Em parte, isto explica o uso do Paraguai como a região onde partiram as migrações:

uma das migrações dirigiu-se primeiramente ao leste, até a costa atlântica, de onde uma parte subiu para o norte até a desembocadura do Amazonas, remontando este rio e seus tributários, e outra desceu até o sul pela costa. Outra rota havia descido pelo Paraná até o rio da Prata. (Brochado, 1973b:10)



Figura 3: Mapa das “migrações Tupiguarani”

Embora não cite no artigo, Brochado também seguiu o modelo de Meggers (1963), em que a rota de difusão da cerâmica policroma tinha quase o mesmo sentido sugerido por Métraux, saindo do Paraguai em direção ao litoral sul-brasileiro, de onde ia para o norte. A figura 4 ilustra o sentido da rota de difusão proposto por Meggers, e representa o modelo clássico da difusão das cerâmicas a partir dos Andes.



Figura 4: Rotas de difusão da cerâmica policroma, segundo Meggers (1963)

Vale a pena destacar dois aspectos do modelo. Primeiro, que ele foi concebido sem considerar relações com outras tradições ceramistas e que sua interpretação estava de acordo com a concepção arraigada da origem andina e paraguaia dos Tupi. Segundo, que a sua interpretação estava implicitamente alinhada com as idéias degeneracionistas de que a cultura entrava em decadência e ficava gradativamente mais simples dentro da floresta tropical. A interpretação de uma contínua transição dos tratamentos Pintado Corrugado Escovado, de acordo com a clássica teoria de Julian Steward (via Betty Meggers), imaginava que ocorreu um processo de simplificação de cerâmicas originalmente sofisticadas (pintadas) que foram introduzidas no Paraguai através dos Andes bolivianos.

Considerando a cronologia das fases que constituíam as subtradições Pintada, Corrugada e Escovada, Brochado sugeriu que houve uma involução dentro da Tradição Tupiguarani (de fato, uso o conceito “evolução”). A subtradição Pintada seria a mais antiga, seguida da Corrugada e da Escovada, que se propagariam por “ondas migratórias”. As datações mais antigas estavam no sul, e as mais recentes ao norte, concordando com o modelo original de Meggers e Métraux. Além disso, o resultado da seriação também concordava com as datas (Brochado, 1973b:14-15). As datas levaram Brochado a interpretar que houveram “distintas velocidades de dispersão e distintos momentos de partida” desde “um centro comum”. As datas lhe permitiram interpretar que o intervalo entre as partidas não foi muito grande e, para explicar a dispersão por uma área tão vasta, propor que a “velocidade de propagação teve de ser muito alta”. Na subtradição Pintada o intervalo seria “mais lento”, de 300 e 400 anos, enquanto que nas demais subtradições o intervalo seria menor, com cerca de 200 anos, “sugerindo uma migração explosiva”. É interessante mostrar que Brochado (1973b:15) procurou, ao contrário dos demais pronapianos, explicar que a

transmissão de uma tradição ceramista através deste espaço imenso, sem a intervenção de portadores humanos, isto é, sem a hipótese de uma migração, implicaria forçosamente na existência, ao longo de todo o percorrido, de povos ainda sem cerâmica ou, com uma cerâmica rudimentar, mas num nível tecnológico suficiente para recebê-la e que estivessem dispostos a aceitá-la imediatamente e a transmití-la sem demora ao grupos seguintes, sempre copiando-a o mais fielmente possível. Não há nenhum fundamento para sustentar esta hipótese, posto que o ímpeto migratório dos grupos de fala Tupi-Guarani [...] é bastante conhecido.

Esta citação resume uma idéia que seria desenvolvida mais tarde por Brochado, quando repensou os modelos difusionistas tradicionais e distanciou-se do ideário do PRONAPA. Com base nas fontes históricas e na densidade regional de sítios arqueológicos, Brochado (1989:80) sugeriu que o processo de colonização dos Tupi seria como um “enxameamento”, onde os movimentos “não eram exatamente migrações, no sentido de que as regiões de onde saíram não ficaram vazias, pelo contrário, as populações continuavam crescendo até o ponto de obrigar a saída de novas vagas humanas”. Estava se baseando no princípio de que o sistema social dos Tupi, especialmente dos povos Tupi-guarani, “só eram efetivos para manter a coesão até um certo tamanho da população, o que facilitava a saída de famílias extensas, as quais se afastavam para formar novos grupos locais”.

O conhecimento sistemático e aprofundado das fontes coloniais abriu um novo horizonte para Brochado, que percebeu a extensão geográfica e demográfica dos Guarani e Tupinambá ao tempo da chegada dos europeus. De forma que pôde superar o modelo padrão do determinismo ecológico, que considerava apenas a existência de populações isoladas e pequenas vivendo nos ambientes ecologicamente limitados da floresta tropical. Com a percepção do padrão Tupi-guarani de colonização e de grandes densidades espalhadas em redes regionais, distinguindo-se da hipótese da migração, Brochado foi um dos pioneiros da revisão da História Indígena que floresceu na década de 1990 e que hoje está em franco desenvolvimento em todo o continente.

Estas idéias propostas na tese de doutorado contribuíram decisivamente para a revisão do modelo de 1973. A

redefinição da região de origem foi fundamental para o estabelecimento das rotas de expansão. Vimos que a proposição da Amazônia como “terra natal” foi baseada em elementos arqueológicos e lingüísticos consistentes, ao passo que a proposição do Paraguai não possuía nenhum dado empiricamente demonstrável, salvo a opinião de Martius e daqueles que lhe seguiram.

As subtradições também foram descartadas por Brochado, que demonstrou que os tratamentos de superfície da cerâmica Guarani são, de fato, relativos a funcionalidade ou, eventualmente, devidos a ausência de matérias-primas (La Salvia e Brochado, 1989; Brochado, Monticelli e Neuman, 1990; Brochado e Monticelli, 1996; Brochado, comunicação pessoal, 1990). A principal justificativa que motivou Brochado a desenvolver uma nova abordagem, deve-se ao fato de que o método Ford está restrito apenas a uma avaliação serializada da ausência ou da presença dos tratamentos de superfície e do antiplástico, sem ter interesse pela relação que estes tratamentos tem com a forma e com a função das vasilhas e sem ter o objetivo de investigar o contexto arqueológico.

A consideração da funcionalidade e do contexto cultural, como veremos adiante, levaram Brochado à percepção de que diferentes tratamentos de superfície da cerâmica eram variantes do estilo tecnológico e de funcionalidades diferenciadas, longe de resultarem de processos de evolução [ou involução] no âmbito da cultura Tupi como sugeriam os modelos gerais de seriação de Ford (1962) e Meggers e Evans (1970). As conclusões de Brochado resultaram de 20 anos de estudos sobre a função das vasilhas cerâmicas, associados ao uso das plantas de agricultura e aos seus contextos culturais, enquanto que a maioria dos que trabalhavam com a Tradição Tupiguarani passaram este mesmo tempo apenas reproduzindo o método Ford. Tal como demonstram os lingüístas e os estudiosos da ecologia histórica no âmbito da família Tupi-guarani, Brochado sugere que se deve testar a hipótese de que as vasilhas possuem o mesmo estilo tecnológico e servem às mesmas funções desde pelo menos o proto-Tupi-guarani. Também sugere, detalhando e aperfeiçoando as idéias de Lathrap, que o desenvolvimento tecnológico da TPA teria ocorrido no proto-Tupi ou, mesmo antes, em razão da necessidade de criar os artefatos necessários para processar alimentos oriundos da agricultura e de definir o cardápio padrão dos Tupi (Brochado, comunicação pessoal, 1990).

A proposição do novo modelo das rotas de expansão do Tupi tem como ponto de partida o sudoeste da Amazônia (Brochado, 1984). O mapa de distribuição dos sítios arqueológicos estava montado desde 1973, mas foi revisto e atualizado pelas novas perspectivas e com os dados disponíveis até 1983. O estabelecimento da continuidade entre os contextos arqueológicos e culturais, relacionando e sobrepondo criteriosamente mapas arqueológicos e históricos, resultou em duas direções principais a partir da região de origem amazônica (figura 5).

Uma foi relativa aos falantes da língua Guarani, situados no Brasil meridional, Estados de Mato Grosso do Sul, oeste de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; no Paraguai oriental, no nordeste da Argentina e em partes do Uruguai. A falta de pesquisas impôs uma lacuna considerável, relativa ao Mato Grosso, Goiás e Rondônia. O caminho principal da rota de expansão em direção ao sul teria começo na bacia do rio Madeira, descendo pela bacia do rio Paraguai, passando para a bacia do Paraná no Mato Grosso do Sul, de onde iria para a Região do Sul do Brasil, Argentina e Uruguai.

A outra foi relativa aos falantes da língua Tupinambá, situados ao longo da costa atlântica e das bacias dos rios que deságuam no oceano, sobretudo nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. A grande lacuna situa-se na região do baixo Amazonas, e da sua foz até o litoral piauiense. Em todo caso, Brochado considerou as evidências registradas na bacia do Xingu, no interior do Piauí, de outros estados nordestinos e de Minas Gerais.



Figura 5: Rotas de expansão dos povos Tupi, conforme Brochado (1984)

Brochado não realizou, por falta de dados, a análise das rotas de expansão dos povos falantes das demais línguas do tronco Tupi, num total de 58, deixando para o futuro a integralização e revisão do modelo da expansão dos Tupi.

Finalmente, uma outra contribuição relevante de Brochado (1984, 1989) e que precisa ser testada, é a noção de redes regionais. Tanto os Guarani quanto os Tupinambá, como se constata nas fontes coloniais, formavam redes regionais interligando os assentamentos em larga escala geográfica. A vizinhança destas redes ligava, nos casos Guarani e Tupinambá, lugares tão longínquos quanto a foz do Rio da Prata, o litoral do Rio Grande do Sul, o litoral do Rio Grande do Sul, o interior de Minas Gerais, de Goiás e São Paulo (Noelli, 2004). É muito provável que o fluxo de pessoas, coisas e idéias no interior das redes foi a justificativa principal das semelhanças dos registros arqueológicos, do sistema tecnológico da cerâmica e, conforme os cronistas e burocratas coloniais, das sociedades, da língua e da cultura.

A cerâmica dos Tupi e suas funções

A contribuição de Brochado neste tema é relevante. Ele abandonou o método Ford e os pressupostos de Meggers e Evans, valorizando a forma, os tratamentos de superfície, a funcionalidade, os contextos arqueológico e cultural, as informações históricas, etnográficas e lingüísticas disponíveis. Inicialmente pesquisou as técnicas e utensílios usados no processamento da mandioca, em termos continentais (Brochado, 1977). Depois pesquisou nas fontes históricas a função das vasilhas entre os Tupinambá (Brochado, [1980] 1991). Por fim, realizou uma série de estudos nas fontes históricas sobre os Guarani, percebendo com mais clareza e detalhe, em razão das semelhanças com os Tupinambá, um padrão cultural comum. A similaridade levou-o à pesquisa sobre as vasilhas inteiras e à constatação da existência de um sistema tecnológico que ditava o padrão das formas (La Salvia e Brochado, 1986, 1989; Brochado, Monticelli e Neuman, 1990; Brochado e Monticelli, 1996; Brochado e Noelli, 1998). A metodologia criada por Brochado apareceu no livro *Cerâmica Guarani*, escrito em parceria com Fernando La Salvia em 1989.

O PRONAPA, como vimos acima, havia concluído que a cerâmica Tupi demonstrava ser confeccionada sob “uma cultura geral”. Mas limitou-se à descrição do tratamento de superfície e à seriação das porcentagens encontradas nas amostras sem ter interesse no contexto cultural e nas vasilhas inteiras, salvo alguns pesquisadores que fizeram uma classificação prévia de tipos de formas inteiras, como Chmyz (1977) e Schmitz (p. ex.: Schmitz et al., 1990).

No caso Guarani, Brochado conseguiu revelar um complexo conjunto de normas que orientavam a elaboração das vasilhas e demonstrar que havia classes específicas para funções determinadas. Tive a oportunidade de mostrar (Noelli, 2000a) que estas classes, ao menos em termos taxonômicos-funcionais, estão ordenadas sob um padrão comum para as línguas da família Tupi-guarani (cf. acima a tabela 1).

Brochado abriu uma nova perspectiva para compreender e explicar o fato de a cerâmica Guarani possuir um estilo tecnológico padronizado sob regras rigorosas, reproduzidas ao longo de quase 2 mil anos em uma área tão vasta. Sua perspectiva é similar àquela que encontramos em Dobres y Hoffman (1994:211), que entendem que tecnologia significa não “apenas o meio material de fazer artefatos, mas é um fenômeno cultural dinâmico devido à ação social, à visão de mundo e à reprodução social”. Brochado e La Salvia (1989:165), sugeriram que o estudo da cerâmica “deve preocupar-se com o contexto cultural. Embora partindo de fragmentos, não devemos encará-los somente como tal, mas como documentos explícitos de um tipo de comportamento em função de diversas variáveis”.

Além disso, outra mensagem de *Cerâmica Guarani* é pioneira na arqueologia brasileira. É a idéia da contínua transmissão de informações e comunicação entre as pessoas como fator que explica a semelhança e a padronização da cerâmica, tal como sugeriram Schiffer e Skibo (1987:595), como “um *corpus* de artefatos, comportamentos e conhecimentos transmitidos de geração a geração, e utilizados nos processos de transformação e utilização do mundo material”. Esta noção é de fundamental importância para a compreensão do estilo tecnológico da cerâmica e para abrir o caminho para o emprego de dados lingüísticos e históricos nas analogias em relação ao contexto arqueológico. Neste aspecto, Brochado pensava como Reedy e Reedy (1994:304), que o estilo tecnológico é “a maneira pelo qual os indivíduos fazem o seu trabalho, incluindo as escolhas feitas por eles no que refere aos materiais e técnicas de produção”. Também seria bom recordar, com Hegmon (1992), que estilo refere-se a um determinado modo de fazer algo ou alguma coisa, e que este modo de fazer encerra escolhas determinadas entre várias alternativas.

A compreensão dos padrões que dão forma às vasilhas Guarani foi percebida através da forma dos segmentos, observando-se da base para a borda, que compõem suas paredes. Segundo Brochado e La Salvia (1989:116), Tem-se a impressão que as ceramistas Guarani concebiam as vasilhas como um empilhamento de zonas ou segmentos horizontais bem demarcados. A partir dessa identificação é que desenvolvemos um sistema para a descrição das vasilhas, baseados na divisão de segmentos ideais

Dessa forma eles estabeleceram um critério mensurável, baseado na geometria, afastando-se das simplificações usuais (e ainda vigentes) que levam a reducionismo e erro significativo na reconstrução das formas a partir de fragmentos de borda. Foram medidas cerca de 150 vasilhas inteiras e milhares de fragmentos, permitindo a conclusão de que as tentativas tradicionais de descrever a cerâmica comparando-a diretamente com sólidos geométricos não era a mais apropriada, exceto as tigelas em forma de calota de esfera. Brochado e La Salvia (1989:166), concluíram que “não existem vasilhas cuja forma se aproxime sequer suficientemente de esferas, cones, elipsóides, etc., para justificar a comparação”. Para superar esta deficiência propuseram um método para a descrição e análise dos “segmentos de formas das vasilhas Guarani” (Brochado e La Salvia, 1989:117-119), devendo-se

Considerar que a produção Guarani está dentro de uma possibilidade de arranjos de segmentos conhecidos e, uma vez identificados e isolados, poderemos, talvez, estabelecer a ‘a lei da produção das vasilhas’ : o que era possível e o que não era permitido (grifo meu)

Considerando as formas das vasilhas e a taxonomia Guarani, Brochado reconheceu 6 classes principais: 1) *yapepó* (panela); 2) *cambuchi* (cântaro ou talha); 3) *ñaetá* (caçarola); 4) *ñae* (prato); 5) *cambuchí caguabã* (copo ou taça); 6) *ñamopyú* (torrador). A forma destas classes possui variações segundo uma ordem de combinações de segmentos (“unidades padrão de formas definidas que sobrepostas, dão o contorno da vasilha”, Cf. La Salvia e Brochado, 1989:116). Para a nomenclatura, Brochado e La Salvia seguiram Sheppard (1956), definindo três classes estruturais com onze divisões de formas:

1. **não restringidas**, as quais podem apresentar contornos: 1) simples; 2) compostos; 3) infletidos; 4) complexos;
2. **restringidas**: 5) simples; e dependentes, com contorno: 6) infletido; 7) composto; 8) complexo;
3. **restringidas independentes com contorno**: 9) infletido; 10) composto; 11) complexo.

Os pratos, copos/taças, caçarolas e torradores são mais freqüentes na classe 1 e as panelas e talhas pertencem as classes 2 e 3. A base das vasilhas é principalmente cônica, arredondada ou plana, ocorrendo em todas as classes. O tratamento da superfície é dividido em cinco técnicas principais, que às vezes estão combinadas: 1) alisado; 2) corrugado; 3) unglado; 4) pintado; 5) escovado. O alisado é mais comum nas vasilhas que não vão diretamente ao fogo, como os pratos, copos e talhas. O corrugado é mais comum nas vasilhas que vão ao fogo, como as panelas, caçarolas e torradores, mas também ocorrem nas talhas e pratos. O unglado é mais comum nas vasilhas de tamanho menor, especialmente nos pratos (eventualmente estão misturadas aos outros tipos de tratamentos). O pintado (preto ou marrom e vermelho sobre engobo branco) é comum nas vasilhas que não vão ao fogo, como as talhas e os copos, usadas para servir e tomar as bebidas fermentadas alcoólicas. O escovado é usado como o corrugado. Ainda se conhece a incisão, os estampados, os acanalados, os nodulados e os roletados. É provável que, algumas vezes, a falta de matérias corantes para o pintado obrigou à opção por outros tratamentos de superfície, como em certas amostras de talhas corrugadas, alisadas ou escovadas.

As classes possuem tamanhos distintos, preliminarmente divididos em grandes, médios e pequenos, mas feitos sempre com uma regra de proporção para a forma do corpo. As panelas e talhas podem ter até um metro de altura e conter até cerca de 100 litros, sendo as maiores vasilhas Guarani. As caçarolas também chegam a diâmetros de 60/70 cm por 25 cm de altura, e contêm até 10/12 litros. Uma panela pode conter 10 ou 100 litros, mas a sua forma altera-se apenas na proporção maior ou menor (Brochado, Neumann e Monticelli, 1990). Parece que o tamanho da vasilha varia com o contexto e com seu dono: 1) a panela maior se usava para fazer o cozido da família extensa; a menor para a família nuclear; 2) o prato pequeno seria individual e o grande, coletivo; 3) o copo pequeno seria individual e o grande, um aparato de prestígio pessoal (os Guarani valorizavam o grande bebedor, que às vezes poderia ser chefe, líder religioso, conselheiro, guerreiro, etc).

Ainda não são conhecidas todas as funções das vasilhas e nem se completou o sistema de classificação, que necessita de novos estudos estatísticos e complemento da análise química dos restos orgânicos encontrados nos fragmentos e nas vasilhas inteiras. Os tamanhos médios, as miniaturas, as formas intermediárias e os tipos fora do comum ainda não possuem classificações e funções seguramente definidas, que aguardam a continuidade das pesquisas.

Considerações finais

A vida acadêmica de Brochado teve três fases importantes. Primeiro temos a transição da prática amadora para a formação acadêmica. O amador autodidata que elaborou uma monografia supreendente, se comparada aos textos brasileiros publicados no começo da década de 1960, que mudou de cidade em busca de uma formação melhor e acaba aceito pelo jovem catedrático e passa a lecionar na melhor instituição da sua região. A seguir a possibilidade de ir mais adiante, com a oferta de uma posição como pesquisador de um grande projeto liderado por dois eminentes arqueólogos, na melhor oportunidade de pesquisa da época. Depois, mudando novamente o rumo, passando a pesquisar e militar no campo do “adversário”, em um momento em que a polarização marcava a vida acadêmica e política no Brasil.

As mudanças intelectuais, totalmente gravadas nas suas publicações, são a demonstração da mais genuína vocação científica, da contínua busca pelo aperfeiçoamento, da marca indelével de um pesquisador de ponta. O seu maior feito foi transcender o contexto paroquial que dominava o meio acadêmico brasileiro nas décadas de 70 e 80, deixando fluir para o texto uma série de hipóteses e teorias à frente do seu tempo, à margem das perspectivas dominantes. Brochado teve o mérito de rever e reordenar o que já existia, de propor um novo quadro orgânico para os processos que resultaram nas sociedades ceramistas do leste da América do Sul, e de introduzir uma perspectiva que procurava os meios para estabelecer a continuidade entre os contextos arqueológicos e culturais. Mesmo que novas pesquisas modifiquem profundamente suas proposições, com requer o avanço da Ciência, Brochado entra para a História da Arqueologia como uma personagem que elaborou uma sólida teoria do processo de ocupação do leste da América do Sul pelas sociedades ceramistas, e que contribuiu decisivamente para o desenvolvimento de métodos para a compreensão dos estilos tecnológicos e da funcionalidade das cerâmicas Guarani e Tupinambá. Estes dois feitos, dentre os vários temas que ele pesquisou e obteve resultados em sua longa carreira, deixariam qualquer arqueólogo profissional com o sentimento do dever cumprido.

Agradecimentos: A André Prous e Tania Andrade Lima pelo convite para redigir a biografia, pela leitura atenta e sugestões. Gislene Monticelli, Fabíola Andréa Silva, Jorge Eremites Oliveira, Lúcio Menezes Ferreira, Pedro Paulo Funari, José Henrique Rollo Gonçalves, Ana Paula Simão, Amílcar D’ávila de Mello, Eurides Roque de Oliveira e Jane Aparecida Trindade, contribuíram generosamente para o aperfeiçoamento do texto. O conteúdo, evidentemente, é de inteira responsabilidade do autor.

Referências bibliográficas

Obras publicadas por José Brochado

- 1962 **Arqueologia descritiva das jazidas páleo-etnográficas da Região Sul do Brasil**. Pelotas: Faculdade Católica de Filosofia de Pelotas. 57p.
- 1967 em colaboração com SCHMITZ, Pedro I. (coord.); LA SALVIA, Fernando; NAUE, Guilherme; BECKER, Ítala I. B.; ROHR, Alfredo & RIBEIRO, Pedro A. Mentz. **Arqueologia no Rio Grande do Sul. Pesquisas**, antropologia, 16:1-58.
- 1968 A cerâmica das Missões Orientais do Uruguai. **Ciência e Cultura**, 20(2):230-231.
- 1969a Dados parciais sobre a arqueologia do vale do Ijuí. PRONAPA 2. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 10:11-32.
- 1969b Pesquisas arqueológicas nos vales do Ijuí e Jacuí. PRONAPA 3. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 13:31-62.
- 1969c Histórico das pesquisas arqueológicas no Estado do Rio Grande do Sul. **Iheringia**, antropologia, 1:3-42.
- 1969d em colaboração com LAZZAROTTO, Danilo & STEINMETZ, Rolf. A cerâmica das Missões Orientais do Uruguai. Um estudo de aculturação indígena através da mudança da cerâmica. **Pesquisas**, antropologia, 20:169-210.
- 1969e em colaboração com CALDERÓN, Valentín; CHMYZ, Igor; DIAS, Ondemar; EVANS, Clifford; MARANCA, Sílvia; MEGGERS, Betty J.; MILLER, Eurico Th.; NASSER, Nássaro; PEROTA, Celso; PIAZZA, Walter; RAUTH, José & SIMÕES, Mário. **Arqueologia Brasileira em 1968**. Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. Publicações Avulsas n. 12.
- 1969f em colaboração com CALDERÓN, Valentín; CHMYZ, Igor; DIAS, Ondemar; EVANS, Clifford; MARANCA, Sílvia; MEGGERS, Betty J.; MILLER, Eurico Th.; NASSER, Nássaro; PEROTA, Celso; PIAZZA, Walter; RAUTH, José; SILVA, Fernando A. & SIMÕES, Mário. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. Parte II. **Manuais de Arqueologia do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**, 1:1-10.
- 1970a em colaboração com CALDERÓN, Valentín; CHMYZ, Igor; DIAS, Ondemar; EVANS, Clifford; MARANCA, Sílvia; MEGGERS, Betty J.; MILLER, Eurico Th.; NASSER, Nássaro; PEROTA, Celso; PIAZZA, Walter; RAUTH, José & SIMÕES, Mário. Brazilian Archaeology in 1970. **American Antiquity**, 35(1):1-23.
- 1970b em colaboração com SCHMITZ, Pedro I.; BECKER, Ítala I. B.; RIBEIRO, Pedro A. Mentz; BAUMHARDT, Gastão; BAUMHARDT, Úrsula; MARTIN, Hardy & STEINHAUS, Roberto. Arqueologia do vale do rio Pardinho (parte 1). **Pesquisas**, antropologia, 23:1-54.
- 1971a Extensão das pesquisas arqueológicas nos vales do Jacuí e Ibicuí-mirim, Rio Grande do Sul. PRONAPA 4. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 15:11-36.
- 1971b em colaboração com SCHMITZ, Pedro I.; BECKER, Ítala I. B. & BAUMHARDT, Gastão. Bolas de boleadeira no Rio Grande do Sul. In **O homem Antigo na América**. São Paulo: Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo. p. 53-68.
- 1972-73 em colaboração com SCHMITZ, Pedro I. Aleros y cuevas con petroglifos e industria lítica de la escarpa del Planalto Meridional em Rio Grande do Sul. **Anales de Arqueología y Etnología**, 27-28:39-66.
- 1973a em colaboração com SCHMITZ, Pedro I. e BARTH, Ervino. Bibliografía sobre a Arqueologia no Estado do Rio Grande do Sul. **Dédalo, Revista de Arqueologia e Etnologia**, 9(17-18):79-85.
- 1973b Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. **Relaciones**, nueva serie, 7:7-39.
- 1973c **Desarrollo de la tradición cerámica Tupiguarani (A.D. 500-1800)**. Porto Alegre: Gabinete de Arqueologia – UFRGS (datilografado).
- 1974a Pesquisas arqueológicas no Escudo Cristalino do Rio Grande do Sul (Serra do Sudeste). PRONAPA 5. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 26:25-52.
- 1974b Contato entre europeus e indígena: um estudo de aculturação através das mudanças na cultura material. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2:11-47.
- 1975 Guarani: o conquistador vencido. In **O Índio no Rio Grande do Sul**. Perspectivas. Porto Alegre: Comissão Executiva de Homenagem ao Índio/Governo do Estado do Rio Grande do Sul. p. 71-81.
- 1976a em colaboração com SCHMITZ, Pedro I. Petroglifos do estilo *pisadas* no Rio Grande do Sul. **Estudos Ibero-Americanos**, 2(1):93-146.
- 1976b em colaboração com CALDERÓN, Valentín; CHMYZ, Igor; DIAS, Ondemar; EVANS, Clifford; MARANCA, Sílvia; MEGGERS, Betty J.; MILLER, Eurico Th.; NASSER, Nássaro; PEROTA, Celso; PIAZZA, Walter; RAUTH, José; ROHR, João A.; SCHMITZ, Pedro I. & SIMÕES, Mário. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica (revista e ampliada). **Cadernos de Arqueologia**, 1:119-148.
- 1977 **Alimentação na floresta tropical**. Analogia etnográfica na reconstrução da alimentação por meio de evidências indiretas. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, n. 2. 103p.
- 1980a A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. **Clio**, 3:47-60.
- 1980b **Social ecology of the Marajoara culture**. Urbana-Champaign: University of Illinois. (M. A. Tesis).
- 1980c em colaboração com Donald W. Lathrap. **Amazonia**. Urbana-Champaign (inédito).
- 1981a Desarrollo de la tradición cerámica Tupiguarani (A.D. 500-1800). **Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Missionários**. Santa Rosa. p. 76-156.

- 1981b em colaboração com SCHMITZ, Pedro I. Datos para una secuencia cultural del estado de Rio Grande do Sul (Brasil). **Pesquisas**, antropologia, 32:131-160.
- 1981c em colaboração com SCHMITZ, Pedro I. Arqueología de Rio Grande do Sul, Brasil. **Pesquisas**, antropologia, 32:161-184.
- 1982 em colaboração com SCHMITZ, Pedro I. Petroglifos do estilo "Pisadas" no centro do Rio Grande do Sul. Abrigo do Canhemborá, Lageado dos Dourados, Linha Sétima e Pedra Grande. **Pesquisas**, antropologia, 34-3-47.
- 1984 **An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South America**. Urbana-Champaign: University of Illinois. (Tese de doutorado). 574p.
- 1986 em colaboração com LA SALVIA, Fernando. A cerâmica Guarani: análise e interpretação. **Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missionários**. Santa Rosa. p. 193-215.
- 1989a em colaboração com LA SALVIA, Fernando. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura. 175p.
- 1989b A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. **Dedalo, Revista de Arqueologia e Etnologia**, 27:65-82.
- 1990 em colaboração com MONTICELLI, Gislene & NEUMANN, Eduardo. Analogia etnográfica na reconstrução das vasilhas Guarani arqueológicas. **Veritas**, 35(140):727-743.
- 1991a Um modelo de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. **CLIO**, série arqueológica, 4: 85-88. (Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro).
- 1991b What did the Tupinambá cook in their vessels? A humble contribution to ethnography analogy. **Revista de Arqueologia**, 6:40-88.
- 1992 em colaboração com MONTICELLI, Gislene. Reconstrução gráfica da cerâmica Guarani. **Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, v. 2. Rio de Janeiro:UNESA. p. 702-715.
- 1994a em colaboração com LIMA, Tais Vargas. Petroglifos do abrigo Barreiro. **Estudos Ibero-Americanos**, 20(1):47-62.
- 1994b em colaboração com MONTICELLI, Gislene. Regras práticas para a reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir do fragmentos. **Estudos Ibero-Americanos**, 20(2):107-118.
- 1996 em colaboração com NOELLI, Francisco Silva. South America: The Amazon. In Brian Fagan (ed.). **The Oxford Companion to Archaeology**. Oxford: Oxford University Press. p.670-671.
- 1998 em colaboração com NOELLI, Francisco Silva. O cauim e as beberagens do Guarani e Tupinambá: equipamentos, técnicas de preparação e consumo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 8:117-128.
- 2002 em colaboração com NOELLI, Francisco Silva. The Tupi. In Peter Peregrine e Melvin Ember (eds.). **Encyclopedia of Prehistory**, v. 7. South America. New York: Plenum Publishing. p.
- Dissertações de mestrado orientadas por José Brochado (1985-1999)**
- 1999 Elvís Pereira Barbosa. **A Cerâmica Tupiguarani no Interior da Bahia: Análise dos Vestígios Cerâmicos da Tradição Tupiguarani da Coleção V. Calderón do MAE-UFBA**. (História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1996 Denise Pahl Schann. **A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajoara**. (História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (Publicada em 1997 como livro: **A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajoara**. Porto Alegre: EDIPUCRS).
- 1996 Valéria Soares de Assis. **Da Espacialidade Tupinambá**. (História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1996 André Luis Ramos Soares. **Organização Sócio-Política Guarani: Aportes para a Investigação Arqueológica**. (História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (Publicada em 1997 como livro: **Guarani: organização social e arqueologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS)
- 1996 José Alberione dos Reis. **Para uma Arqueologia dos Buracos de Bugre: Do Sintetizar, do Problematizar, do Propor**. (História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (Publicada em 2002 como livro: **Arqueologia dos Buracos de Bugre: uma pré-história do Planalto Meridional**. Caxias do Sul: EDUCS).
- 1996 André Luiz Jacobus. **Resgate Arqueológico e Histórico do Registro de Viamão (Guarda Velha, Santo Antonio da Patrulha, RS)**. (História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1995 Beatriz dos Santos Landa. **A Mulher Guarani: Atividades e Cultura Material**. (História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1995 José Luis dos Santos Peixoto. **A Ocupação do Tupiguarani na Borda Oeste do Pantanal Sul-Matogrossense: Maciço do Urucum**. (História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1995 Deise Lucy Oliveira Montardo. **Práticas Funerárias das Populações Pré-Coloniais e suas Evidências Arqueológicas (Reflexões Iniciais)**. (História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1995 Gislene MONTICELLI. **Vasilhas de Cerâmica Guarani: Um Resgate da Memória entre os Mbyá**. (História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1989 Norton Corrêa. **Os Vivos, os Mortos e os Deuses**. (Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Relatórios técnicos não publicados

- 2001 BROCHADO, José Proenza. **Relatório Técnico Final do Projeto: Levantamento e Salvamento Arqueológico no Município de Mariana Pimentel**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 2001 _____. **Relatório Final do Projeto de Pesquisa: Cerâmica Euro-indígena do Sítio RS 5 - Rio Grande, RS**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 2001 em colaboração com Klaus Hilbert. **Relatório Final das Pesquisas Arqueológicas no Município de São Pedro do Sul, RS**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 2001 em colaboração com Gislene Monticelli. **Pesquisas Arqueológicas na UHE Machadinho: Inventário**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 2001 _____. **Relatório Final das Atividades de Campo na LT Garabi/Itá**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 2001 _____. **Relatório Final: Levantamento Arqueológico em Cambará do Sul, RS**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 2001 _____. **Salvamento Arqueológico em Áreas do Futuro Reservatório da UHE Machadinho: Fase III**. Porto Alegre: Museu de Ciências da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1999 _____. **Levantamento e Salvamento Arqueológico nas Áreas de Implantação da Linha de Transmissão Garabi-Itá e Respectivas Subestações**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1999 _____. **Linha de Transmissão Garabi-Itá. Relatório Semestral das Pesquisas Arqueológicas**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1999 _____. **Salvamento dos Sítios Arqueológicos na Área de Implantação do Gasoduto Brasil/Bolívia. Trecho Sul: Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1998 _____. **Relatório Parcial. Arqueologia de Salvamento na Área da UHE de Machadinho**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1998 _____. **Relatório Técnico Semestral: Salvamento Arqueológico nas Áreas do Canteiro de Obras e Estruturas da UHE Machadinho (Fases I e II): Atividades de Campo**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1997 _____. **Documento Técnico: Patrimônio Histórico, Cultural e Arqueológico (DT016) EIA/ RIMA da UHE de Machadinho, ELETROSUL**. Porto Alegre: Museu de Ciências da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1997 _____. **Resumo do Documento Técnico. Patrimônio Histórico, Cultural e Arqueológico (DT 016)**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1997 _____. **Vistoria Arqueológica na Área de Implantação da UHE de Machadinho. Relatório Final do Patrimônio Arqueológico**. Porto Alegre: Museu de Ciência e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1990 em colaboração com Fernando La Salvia. **Patrimônio Histórico-Cultural. Rio Uruguai. Área de Garabi. Convênio ELETROSUL - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1989 em colaboração com Fernando La Salvia e Guilherme Naue. **Programa para o Salvamento do Patrimônio Histórico-Cultural. Rio Uruguai. Área Machadinho**. v. 1, t. I-II. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1989 _____. **Projeto. Programa para o Salvamento do Patrimônio Histórico-Cultural. Rio Uruguai - Área Machadinho**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1989 _____. **Relatório. Projeto Campos Novos. Levantamento Arqueológico na Região do Alto Uruguai - Canoas. Barragem de Campos Novos**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1988 _____. **Relatório. Projeto Garabi. Levantamento Cultural, Histórico, Arqueológico e Paisagístico. Projeto Arqueológico Uruguai**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1985 _____. **O Uruguai: Estudo Arqueológico das Culturas Indígenas. Projeto Arqueológico Uruguai**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1987 em colaboração com Marilandi Goulart e C. V. V. Gonçalves. **Relatório do Projeto Arqueológico Uruguai. Barragem de Itá. Cerâmica arqueológica Guarani e Kaingang**. Florianópolis: FAPEU/Universidade Federal de Santa Catarina/ ELETROSUL.
- 1985 em colaboração com Marilandi Goulart; Fernando La Salvia e Guilherme Naue. **Levantamento de Sítios Arqueológicos na Barragem de Itapiranga. Projeto Arqueológico Uruguai**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Referências citadas no texto

- ALMEIDA, A. Depósitos arqueológicos no município de Rio Grande. **Anais do VI Simpósio Sul-Riograndense de Arqueologia**. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas - PUCRS, 1993. p. 43-51.
- BUARQUE, A. Uma aldeia Tupinambá em Morro Grande. **Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Arqueologia**. Porto Alegre. 1996. v. 2. p. 207-220.
- CARNEIRO, R. The history of ecological interpretations in Amazonia: does Roosevelt have it right? In: SPONSEL, L. **Indigenous peoples and the future of Amazonia: an ecological anthropology of an endangered world**. Tucson: University of Arizona Press, 1995. p. 45-65.
- CHMYZ, I. José Loureiro Fernandes e a Universidade Federal do Paraná. In: GARCIA, A. **Dr. Loureiro Fernandes, médico e cientista**. Curitiba: Vozes, 2000. p. 133-171.
- CHMYZ, I. **Pesquisas paleoetnográficas efetuadas no Vale do rio Parapanema, Paraná, Brasil**. Curitiba, UFPR. 1977.
- CHMYZ, I. Nota explicativa. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, 1(1):119-120. 1976.
- ETCHVARNE, C. A ocupação humana do Nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. **Revista USP**, 44(1):112-141. 2000.
- EVANS, C. Introdução. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: Resultados Preliminares do Primeiro Ano (1965-1966). **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 6:7-13. 1967.
- EVANS, C.; MEGGERS, B. **Guia para prospecção arqueológica no Brasil**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1965.
- FAUSTO, C. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FORD, J. A. **Método cuantitativo para establecer cronologias culturales**. Washington D.C.: Manuales Técnicos n. 3/Unión Panamericana, 1962.
- FUNARI, P. P. Arqueologia Brasileira: visão geral e reavaliação. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, 1:23-41. 1994.
- FUNARI, P. P.; NEVES, E. G.; PODGORNY, I. Introdução – A primeira reunião internacional de teoria arqueológica na América do Sul: questões e debates. In: P. P. Funari; E. G. Neves; I. Podgorny (orgs). **Teoria Arqueológica na América do Sul**. São Paulo: MAE/USP. p. 1-12. 1999.
- HACKENBERGER, M.; NEVES, E. G.; PETERSEN, J. De onde surgem os modelos? As origens e expansões Tupi na amazônia Central. **Revista de Antropologia**, 41(1):69-98. 1998.
- HOBSBAWN, E. O ressurgimento da narrativa. Alguns comentários. **Revista de História**, 43:39-46. 1991.
- HOWARD, G. D. **Prehistoric ceramic styles of lowland South America, their distribution and history**. New Haven: Yale University Publications in Anthropology, n. 37:5-95. 1947.
- HOWARD, G. D. Northeast Argentina. In: George D. Howard and Gordon R. Willey. **Lowland Argentine Archaeology**. New Haven: Yale University Publications in Archaeology, n. 39:9-24. 1948.
- LANDA, B. S.; NOELLI, F. S. As receitas culinárias Guarani como base para análise da dieta do grupo. **Histórica - Revista de Pós-Graduação em História na PUC/RS**, 2:163-172. 1997.
- LATHRAP, D. **The Upper Amazon**. London, Thames & Hudson. 1970a.
- LATHRAP, D. Alternative models of populations movement in the tropical Lowland of South America. **Actas y memorias del XXXIX Congreso Internacional de Americanistas**. Lima, v. 4, p. 13-23. 1970b. (versão republicada pelo autor, com correções em 1972).
- _____. The hunting economies of the Tropical Forest Zone of South America: an attempt at perspective. In: R. B. Lee e I. Devore (eds.). **Man the Hunter**. Chicago: Aldine, 1968. p. 23-29.
- LEWGOY, B. Notas para a história da Antropologia no Rio Grande do Sul (1940-1969). **Horizontes Antropológicos**, 3(7):239-251. 1997.
- LOTHROP, S. K. Indians of the Paraná Delta, Argentina. **Annals of the New York Academy of Sciences**, 33:77-232. 1932.
- LOUKOTKA, C. Línguas indígenas brasileiras. **Revista do Arquivo Municipal**, 54:147-174. 1939.
- LOUKOTKA, C. **Classification of South American Indian Languages**. Los Angeles: University of California Press, 1968.
- MARTÍN, G. **Pré-História do Nordeste**. 2 ed. Recife: Editora Universitária – UFPE, 1997.
- MARTIUS, C. P. **Beiträge zur Ethnographie uns Sprachenkunde Südamerika's, zumals Brasiliens**. Leipzig: Friedrich Fischer, 1867.
- MEGERS, B. Did japanese fishermen really reach Ecuador 5.000 years ago? **Amerística: la ciencia del Nuevo Mundo**, 3(4):63-69. 2000.
- _____. Archaeological evidence for the impact of mega-Niño events on Amazonia during the past two millenia. **Climatic Change**, 28(2):321-338. 1994.
- _____. Cuarenta anos de colaboración. In: B. J. Meggers (Ed.) **Prehistoria sudamericana: nuevas perspectivas**. Washington D. C.: Taraxacum, 1992. p.13-26.
- _____. Advances in Brazilian Archaeology. **American Antiquity**, 50(2):364-373. 1985.
- _____. Climatic oscilation as a factor in the prehistory of Amazonia. **American Antiquity**, 44(2):252-266. 1979.
- _____. Application of the biological model of diversification to cultural distributions in tropical lowland South America. **Biotropica**, 7:141-161. 1975.

- _____. Vegetational fluctuation and prehistoric cultural adaptation in Amazonia: some tentative correlations. **World Archaeology**, 8:287-303. 1977.
- _____. **Amazonia: man in a counterfeit paradise**. Chicago: Aldine, 1971.
- _____. Cultural development in Latin America: an interpretative overview. In: MEGGERS, B. J.; EVANS, C. (eds.). **Aboriginal Cultural Development in Latin America: An Interpretative Review**. Washington D.C.: Smithsonian Institution, 1963. p.131-145.
- _____. The coming of age of American Archaeology. In: NEWMAN, M. T. (ed.). **New Interpretations of aboriginal American Culture History**. Washington D.C., 75th Anniversary of the Anthropological Society of Washington, 1955. p. 116-129.
- _____. Environmental limitation on the development of culture. **American Anthropologist**, 56(3):801-824. 1954.
- MEGERS, B. J.; EVANS, C. Lowlands of South America and Antilles. In: JENNINGS, J. D. (ed.). **Ancient Native Americans**. San Francisco: W. H. Freeman and Company, 1978. p.543-591.
- _____. A reconstituição da pré-história amazônica. Algumas considerações teóricas. In: O Museu Goeldi no ano do sesquicentenário. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 20:51-69. 1973.
- _____. **Como interpretar a linguagem da cerâmica**. Manual para arqueólogos. Washington D.C.: Smithsonian Institution, 1970.
- MENESES, M. J. Arqueologia pré-histórica no Paraná. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paraense**, 18:53-64. 1970.
- MENGHÍN, O. F. A. El poblamiento prehistórico de Misiones. **Anales de Arqueología y Etnología**, 12:19-40. 1957.
- MÉTRAUX, A. **La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani**. Paris: Librairie Orientaliste, 1928.
- MÉTRAUX, A. Migrations historiques des Tupi-guarani. **Journal de la Société des Americanistes**, n.s., 19:1-45. 1927.
- MONTARDO, D. L.; NOELLI, F. S. Sugestões para o estudo dos enterramentos Guarani. **Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Arqueologia**. Porto Alegre, 1996. v. 1. p. 491-502.
- MOORE, D; STORTO, L. As línguas indígenas e a pré-história. In: PENA, S. D. J. (org.). **Homo brasilis: Aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro**. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002. p. 73-92.
- MORAIS, J. L. Arqueologia da Região Sudeste. **Revista USP**, 44(2):194-217. 2000.
- NEVES, E. G. 1998. Twenty years of Amazonian Archaeology in Brazil (1977-1997). **Antiquity**, 72(277):625-632. 1998.
- NEVES, W. A. Arqueologia Brasileira: algumas considerações. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Série Antropologia)**, 2:200-205. 1988.
- NOBLE, K. Pro-Arawak and its descendants. **Indiana University Publications in Linguistics and Anthropology**: Mouton: The Hague, 1965.
- NOELLI, F. S. Em busca dos encontros coloniais no século XVI: as fontes para estudos lingüísticos e literários na Região Sul do Brasil e países vizinhos. **Anais do XVI Congresso Estadual de Literatura e Lingüística do Paraná**. Curitiba, 2001.
- NOELLI, F. S. A ocupação humana na região sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas – 1872 – 2000. **Revista USP**, 44(2):218-269. 2000a.
- NOELLI, F. S. A presença Guarani desde 2.000 anos atrás: contribuição para a História da ocupação humana do Paraná. In: R. C. Rolim; S. A. Pellegrini; R. B. Dias (orgs.). **História, espaço e meio ambiente (VI Encontro Regional de História, ANPUH – PR)**. Maringá: ANPUH, 2000b. p. 403-414.
- NOELLI, F. S. Documentação histórica do limite meridional da *Araucaria angustifolia* e do início do processo de desmatamento no Rio Grande do Sul, Brasil. **Napaea**, 12:69-74. 2000c.
- NOELLI, F. S. Repensando os rótulos e a História dos Jê no sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar. In: FUNARI, P. P.; NEVES, E. G.; PODGORNÝ, I. (orgs). **Teoria Arqueológica na América do Sul**. São Paulo: MAE/USP. p. 218-269. 1999a.
- NOELLI, F. S. Curt Nimuendajú e Alfred Métraux: a invenção da terra sem mal. **Suplemento Antropológico**, 34(2):123-166. 1999b.
- NOELLI, F. S. The Tupi: explaining origin and expansion in terms of Archaeology and Historical Linguistics. **Antiquity**, 72(277):648-63. 1998a.
- NOELLI, F. S. Múltiplos usos de espécies vegetais pela farmacologia Guarani através de informações históricas. **Diálogos**, 2(2):177-201. 1998b.
- NOELLI, F. S. Aportes históricos e etnológicos para o reconhecimento da classificação Guarani de comunidades vegetais no século XVII. **Fronteiras Revista de História**, 2(4):275-296. 1998c.
- NOELLI, F. S. Distâncias entre as áreas de captação de recursos líticos e o sítio arqueológico do Arroio do Conde, Rio Grande do Sul. **Revista do Cepa**, 21(26):113-131. 1997.
- NOELLI, F. S. As hipóteses sobre o centro de origem e as rotas de expansão dos Tupi. **Revista de Antropologia**, 39(2):7-53. 1996a.
- NOELLI, F. S. Resposta a Eduardo Viveiros de Castro e Greg Urban. **Revista de Antropologia**, 39(2):105-118. 1996b.
- NOELLI, F. S. El Guaraní agricultor. **Acción**, 177:17-23. 1994
- NOELLI, F. S. **Sem Tekohá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)**. Porto Alegre (Dissertação de mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1993.
- NOELLI, F. S. Etnoarqueologia Guarani: um método de resgate controlado de dados bibliográficos úteis à interpretação arqueológica. **Anais do VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Rio de Janeiro. 1992a. v. 2. p. 583-593.
- NOELLI, F. S. Bibliografia etno-histórica básica à interpretação etnoarqueológica Guarani. **Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Rio de Janeiro. 1992b. v. 2. p. 594-621.
- NOELLI, F. S.; TRINDADE, J. A.; SIMÃO, A. P. Estudo de funcionalidade da cerâmica Guarani de um sítio arqueológico da lagoa Xambê, Paraná. **Anais**

do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro. 2000.

NOELLI, F. S.; MOTA, L. T.; NANNI, M. R.; LAVADO, M. C.; PANEK Jr., C. A.; OLIVEIRA, E. R.; SIMÃO, A. P.; NOVAK, E.; CASTILHOS, W. Primeira etapa de reconhecimento arqueológico no médio/baixo vale do rio Pirapó, Paraná. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 12:313-316. 2002.

NOELLI, F. S.; MOTA, L. T.; NANNI, M. R.; LAVADO, M. C.; PANEK Jr., C. A.; OLIVEIRA, E. R.; SIMÃO, A. P.; MARQUES, A. J.; SILVA, J. B.; JERÔNIMO, F. Agricultores Guarani na Pré-História da Região Noroeste do Paraná. **Universidade e Sociedade**, Maringá, 19:63-69. 2003.

NOELLI, F. S.; MOTA, L. T.; SILVA, F. A. Pari: armadilhas de pesca no sul do Brasil e a Arqueologia. **Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Arqueologia**. Porto Alegre. 1996. v. 2. p. 435-446.

NOELLI, F. S.; DIAS, A. S. Complementos históricos ao estudos funcional da indústria lítica Guarani. **Revista do Cepa**, 19(22):7-24. 1995.

NOELLI, F. S.; SOARES, A. L. R. Para uma história das epidemias entre os Guarani. **Diálogos**, 1:165-178. 1997.

NOELLI, F. S.; SOARES, A. L. R. Efeitos da conquista européia na terminologia e organização social Guarani. **Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa**, 8:383-397. 1997.

NOELLI, F. S.; LANDA, B. S. Introdução às atividades têxteis Guarani. **Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários**. Santa Rosa. 1994. p. 472-477.

NOELLI, F. S.; LANDA, B. S. Tesoro y vocabulário de Antonio Ruyz de Montoya. Fonte primária em detalhe para uma etnoarqueologia Guarani. **Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missionários**. Santa Rosa. 1991. p. 212-219.

OLIVEIRA, J. E. **Da pré-história à história indígena: (re)pensando a Arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal**. Porto Alegre: Tese (Doutorado em Arqueologia) PUCRS. 2002.

OLIVEIRA, J. E.; VIANA, S. A. O Centro-Oeste antes de Cabral. **Revista USP**, 44(1):142-189. 2000.

OUTES, Félix F. Hallazgo arqueológico en la isla de Martín García. **Annales de la sociedad Científica Argentina**, 82:265-277. 1917.

PÄRSSINEN, M. When did the Guaraní expansion toward the Andean foothills begin? In PÄRSSINEN, M.; KORPISAARI, A. (eds.). **Western Amazonia**. Multidisciplinary studies on ancient expansionistic movements, fortifications and sedentary life. Helsinki: Renvall Institute Publications n. 14, 2003. p.73-89.

PIPERNO, D. R.; PEARSHALL, D. M. **The origins of agriculture in the Lowland Neotropics**. San Diego: Academic Press, 1998.

RIVET, P.; STRESSER-PÉAN, G. Généralités. In: MEILLET, A.; COHEN, M. (eds.). **Les langues du monde**. Paris: CNRS, 1952. p. 945-957.

RODRIGUES, A. D. A classificação lingüística do tronco Tupi. **Revista de Antropologia**, 12(1-2):99-104. 1964.

RODRIGUES, A. D. The classification of Tupí-guaraní. **International Journal of American Linguistics**, 24:231-234. 1958.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, A. D. **Proto-Tupí evidence for agriculture**. Trabalho apresentado na 1st International Ethnobiology Conference. Belém. 1988.

RODRIGUES, A. D. Evidence for Tupí-Carib relationship. In: STARK, L. R.; KLEIN, H.E.M. (eds.). **South American Indian Languages: retrospect and prospects**. Austin: University of Texas Press, 1985. p. 371-404.

RODRIGUES, A. D. As relações internas na família Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia**, 27-28:33-53. 1984-1985.

RODRIGUES, A. D. Hipóteses sobre as migrações dos três subconjuntos meridionais da família Tupi-Guarani. **Anais do II Congresso Nacional da Associação Brasileira de Lingüística**. Florianópolis: CR-ROM, 2000.

ROOSEVELT, A. C. Early pottery in the Amazon: twenty years of scholarly obscurity. In: BARNNET, W. K.; HOOPEES, J. (eds.). **The emergence of pottery: technology and innovation in ancient societies**. Washington D.C.: Smithsonian Institution Press. p. 115-131. 1995.

ROOSEVELT, A. C. et al. Eighth millennium pottery from a prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon. **Science**, 254:1621-1624. 1992.

ROOSEVELT, Anna C. **Parmana**. Prehistoric maize and manioc subsistence along the Amazon and Orinoco. New York: Academic Press, 1980.

SCHMITZ, P. I. Um paradeiro guarani no Alto Uruguai. **Pesquisas**, 1:122-142. 1957.

SCHMITZ, P. I. Paradoiros guaranis em Osório (Rio Grande do Sul). **Pesquisas**, 2:113-143. 1958.

SCHMITZ, P. I. A cerâmica guarani da ilha de Santa Catarina e a cerâmica da Base Aérea. **Pesquisas**, antropologia, 3:267-325. 1959.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H.; ARNT, F. V. Sítios arqueológicos do médio Jacuí, RS. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Documentos 08**. 2000.

SCHMITZ, P. I et al. Uma aldeia Guarani: o projeto Candelária, RS. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Documentos 04**. 1990.

SILVA, F. A.; NOELLI, F. S. A ocupação dos espaço na Terra Indígena Apucarana - Paraná: elementos para uma reflexão interdisciplinar. **Revista do Cepa**, 20(24):27-36. 1996.

SILVA, F. A.; MEGGERS, B. J. Cultural development in Brazil. In: MEGGERS, B. J.; EVANS, C. (eds.). **Aboriginal Cultural Development in Latin America: An Interpretative Review**. Washington: Smithsonian Institution, 1963. p.119-129.

SILVA, S. B. et al. Entrevista com Pedro Inácio Schmitz. **Horizontes Antropológicos**, 18:279-300. 2002.

STOTHERT, K. E.; PIPERNO, D. R.; ANDRES, T. C. Terminal Pleistocene/Early Holocene human adaptation in coastal Ecuador: the Las Vegas evidence. **Quaternary International**, 109-110:23-44. 2003.

SUSNIK, B. **Dispersión Tupí-Guaraní prehistórica**: ensayo analítico. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1975.

- TEIXEIRA, S. A. Depoimento sobre minha vivência na Antropologia da UFRGS. **Horizontes Antropológicos**, 7:276-314. 1997.
- TERMINOLOGIA. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, 1(1):119-148. 1976.
- TERMINOLOGIA. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. **Manuais de Arqueologia**, v. 1. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, 1966.
- TERMINOLOGIA. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica, parte 2. **Manuais de Arqueologia**, v. 2. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, 1969.
- URBAN, G. A História da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, M. C. (Org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras/FAPESP/SMC. 1992. p. 87-102.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. B. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2002.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. B. **Araweté**: os deuses canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ANPOCS, 1986.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. B.; CUNHA, M. C. (orgs.). **Amazônia**: Etnologia e História Indígena. São Paulo: NHII-USP/FAPESP, 1993.
- WATSON, V. D. Ciudad real: A Guarani-Spanish site on the Alto Paraná River. **American Antiquity**, 13(2):163-176. 1947.
- WILLEY, G. Ceramics. In: STEWARD, J. H. (ed.). **Handbook of South American Indians**, 5:139-204. Washington D. C.: Smithsonian Institution. 1949.
- WILLEY, G.; SABLOFF, J. **A History of American Archaeology**. 2 ed. San Francisco: Freeman, 1980.
- WILLEY, G. R.; PHILLIPS, P. **Method and theory in American Archaeology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1958.